



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

UM CALENDÁRIO DE CONTOS:
LIVRO FÍSICO E DIGITAL DA OBRA *A CALENDAR OF TALES* – PARTE B

Lara Campelo Barreto

Rio de Janeiro/RJ

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

UM CALENDÁRIO DE CONTOS:
LIVRO FÍSICO E DIGITAL DA OBRA *A CALENDAR OF TALES* – PARTE B

Lara Campelo Barreto

Projeto Experimental de graduação
apresentado à Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social, Habilitação
em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Rio de Janeiro/RJ

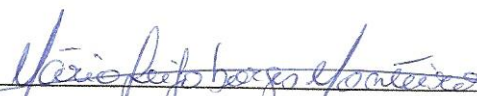
2014

UM CALENDÁRIO DE CONTOS:
LIVRO FÍSICO E DIGITAL DA OBRA *A CALENDAR OF TALES*

Lara Campelo Barreto

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por



Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro – orientador



Prof.ª Andréia Resende



Prof.ª Dr.ª Maria Teresa Bastos

Aprovado em: 02/12/2014

Grau: 10.

Rio de Janeiro/RJ

2014

Rio de Janeiro/RJ

2014

BARRETO, Lara Campelo.

Um Calendário de Contos: livro físico e digital da obra *A Calendar of Tales* / Lara Campelo Barreto. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2014.

55 f.

Projeto Experimental (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2014.

Orientação: Mário Feijó Borges Monteiro

Diagramação. 2. Interatividade. 3. Narrativa Colaborativa. I. MONTEIRO, Mário Feijó Borges II. ECO/UFRJ III. Produção Editorial IV. Um Calendário de Contos: livro físico e digital da obra *A Calendar of Tales*

“As coisas que fiz porque estava animado,
porque queria de verdade que elas existissem,
nunca me desapontaram, e nunca me arrependi
do tempo que dediquei a esses projetos.”

Neil Gaiman

BARRETO, Lara Campelo. **Um Calendário de Contos:** livro físico e digital da obra *A Calendar of Tales* – Parte B. Orientador: Mário Feijó Borges Monteiro. Rio de Janeiro, 2014. Projeto Experimental (Graduação Em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 55 f.

RESUMO

O projeto prático, consiste na produção de um livro físico e um livro eletrônico, em formato epub, traduzidos da obra online *A Calendar of Tales*, parceria entre o escritor Neil Gaiman, a empresa Blackberry e fãs do autor. O projeto buscou colocar em prática os ensinamentos apreendidos ao longo de quatro anos de graduação no que diz respeito à criação de um produto físico. Durante a sua realização, foram desenvolvidos todos os estágios da criação de um livro-objeto, tais como preparação do texto (tradução, copidesque e revisão), diagramação do miolo, tratamento de imagens, capa e quarta capa. O arquivo epub também foi desenvolvido e subsequentemente validado. Paralelamente à produção dos livros físico e eletrônico, este projeto contextualiza a narrativa colaborativa presente no desenvolvimento de *A Calendar of Tales*, perpassando as análises teóricas pertinentes ao assunto. Não é finalidade deste projeto explorar a vertente vendável de tal produto.

Palavras-chave: Narrativa colaborativa, interatividade, diagramação, Neil Gaiman, *A Calendar of Tales*.

ABSTRACT

The practical project consists in the translation and production of a physical book and an e-book of “A Calendar of Tales”, by Neil Gaiman. The project seeks to put into practice the lessons learned over four years of graduation with regards to the creation of a physical product. During the project, all the stages of creating a book-object were developed, such as the preparation of the text (translation, copyediting, proofreading), the layout of the kernel and the image processing, cover and back cover. The epub file was also developed and subsequently validated. Alongside the production of physical and electronic books, this project contextualizes the collaborative storytelling present in the development of *A Calendar of Tales*, passing the pertinent theoretical analysis. The purpose of this project isn’t, in any way, to explore the salable component of such product.

Key-words: Collaborative storytelling, interactivity, typesetting, Neil Gaiman, A Calendar of Tales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. INTERATIVIDADE.....	9
1.1 COLABORAÇÃO ENTRE LEITOR E ESCRITOR NA WEB.....	9
1.2 RELAÇÃO ENTRE DIFERENTES SUPORTES E MODOS DE LEITURA.....	11
2. TEXTO, IMAGEM E FORMA.....	14
3. METODOLOGIA DA ELABORAÇÃO DO LIVRO IMPRESSO E-BOOK.....	18
3.1 PREPARAÇÃO DO CONTEÚDO EM INGLÊS.....	18
3.1.1 Tradução e Copidesque.....	18
3.1.1.1 Dificuldades Encontradas Durante o Processo de Tradução.....	18
3.1.1.2 Dificuldades Encontradas Durante o Processo de Copidesque.....	22
3.2 DESENVOLVIMENTO DO ARQUIVO DIGITAL.....	24
3.2.1 Livro Impresso.....	24
3.2.2 E-book.....	36
3.2.3 Capa, Quarta Capa e Caixa.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXO.....	I
APÊNDICE.....	II

INTRODUÇÃO

Em 2013, foi desenvolvido e divulgado o projeto *A Calendar of Tales* – Um Calendário de Contos, em tradução livre –, parceria entre o escritor Neil Gaiman e a empresa de tecnologia Blackberry. Tal projeto, tema principal deste trabalho de conclusão de curso, está incluído em um projeto maior, chamado *Keep Moving* – Mantenha-se em movimento, em tradução livre –, que visa promover o smartphone BlackBerry® Z10. A empresa de telefonia criou o projeto em parceria com algumas personalidades do universo musical, literato e cinematográfico, conhecidas por seu árduo e belo trabalho, além de serem reconhecidas por estarem sempre em busca de novos desafios e de oportunidades dinâmicas, interativas e únicas.

A cantora Alicia Keys, o escritor Neil Gaiman e o diretor cinematográfico Robert Rodriguez foram escolhidos para que, em parceria com seus fãs de todo o mundo e utilizando o smartphone como principal ferramenta de comunicação, interação e divulgação, desenvolvessem projetos singulares por meio de mensagens, vídeos e imagens compartilhados em diferentes plataformas. Fãs disponibilizaram suas ideias e conteúdos por meio de redes sociais, como o Twitter, ou sites específicos como DevianArt e Tumblr, de maneira a ajudar na criação desses trabalhos.

O projeto *Your City Your Video* – Sua Cidade Seu Vídeo, em tradução livre – de Alicia Keys, baseou-se na participação dos fãs enviando fotos pessoais e de suas respectivas cidades. A cantora, então, criou vídeos específicos para cada cidade integrante de sua turnê *Girl on Fire*, usando tais fotos.

O projeto *Green Screen* – Tela Verde, em tradução livre – de Robert Rodriguez, consistiu no desenvolvimento de um curta metragem em parceria com fãs. Famoso por sua direção em filmes como *Sin City* e *Desperado*, o diretor convidou o público para lhe ajudar a completar o curta por meio de vídeos, atuações, tweets com ideias, ilustrações ou imagens. O curta ficou intitulado como *Two Scoops*.

O projeto *A Calendar of Tales* surgiu da cooperação entre o escritor Neil Gaiman e seus fãs, a partir de interações na rede social Twitter, na plataforma Tumblr e no site DevianArt. Gaiman pediu aos fãs de todo o mundo que o ajudassem a “fazer arte” por meio de postagens e *hashtags* como #KeepMoving e #Blackberry10.

Em fevereiro de 2013, o desenvolvimento do projeto online teve início na rede social Twitter, na qual o escritor publicava uma pergunta, referente a cada mês do ano, em intervalos de uma hora, e os fãs respondiam com frases, que serviriam como inspiradoras para os contos

a serem elaborados pelo autor. Em doze horas, doze perguntas foram feitas por Neil Gaiman e mais de onze mil respostas de fãs foram contabilizadas. Com a escolha das doze melhores respostas, deu-se início o processo criativo.

Gaiman teve três dias para elaborar os doze contos. Posteriormente, esses contos foram apresentados aos fãs, que, por sua vez, foram estimulados a enviar imagens ilustrativas, vídeos, músicas e outras variadas expressões artísticas complementares aos contos. Mais de cinco mil peças foram enviadas para seleção, além de muitas outras que foram compartilhadas nas plataformas e redes sociais, porém, para o e-book, apenas doze imagens foram selecionadas pela equipe *Keep Moving*. Segundo o autor, seu interesse era “desmistificar o processo de escrita e tornar a arte algo que todos estão fazendo, o tempo todo”. Nenhuma participação do público foi recompensada de nenhuma forma que não pelo prazer de auxiliar no desenvolvimento do projeto.

A *Calendar of Tales* foi feito e distribuído essencialmente online, possuindo disponibilidade para visualização e download em PDF e epub, gratuitamente. O site oficial, além de possibilitar uma navegação diferenciada e animada pelos contos, também permite que o leitor/usuário os escute por meio de *audiobooks* (narrados pelo próprio Gaiman). Foi disponibilizado, ainda, o epub dos contos nos sites varejistas parceiros. Apenas uma pequena tiragem da compilação dos contos em livro físico foi impressa e distribuída – cerca de quinhentos exemplares –, sendo destinada a sorteios específicos e limitados pela Blackberry e parceiros. Nenhuma outra tiragem foi disponibilizada ou comercializada e todo o material disponível se encontra em inglês.

O objeto de pesquisa e desenvolvimento do projeto consiste na elaboração de um livro físico do projeto virtual *A Calendar of Tales*, que engloba tendências interativas colaborativas acentuadas, além de permitir diversas plataformas de leitura, adaptáveis para inúmeras situações e circunstâncias do dia a dia do leitor.

Ultrapassar o âmbito das ideias e colocar em moldes práticos o desenvolvimento de um livro impresso e de todas as suas nuances mais intrínsecas é o objetivo primeiro deste trabalho; ou seja, a elaboração de um projeto criativo pautado na proximidade visual e artística da obra, em relação ao seu conteúdo e à sua apresentação ao público.

Em decorrência do projeto original ser online e digital, e não possuir livros físicos para comercialização e disponibilidade à massa leitora, além de não possuir tradução para o português – ou qualquer outro idioma –, surgiu o segundo objetivo deste projeto: a disponibilidade de leitura em variadas plataformas – seja internet, sejam aparelhos eletrônicos

portáteis ou livros físicos – ao público leitor brasileiro, de forma a integrar variados meios de interação disponíveis à relação entre leitor e obra.

Neil Richard Gaiman é um escritor britânico de romances, quadrinhos, poemas, novelas, contos, canções e roteiros. Nasceu em Portchester, na Inglaterra, em 10 de novembro de 1960, e atualmente vive em Minneapolis, Estados Unidos, com sua esposa, a musicista Amanda Palmer, e seus três filhos.

Foi recusado por diversas editoras até optar por ingressar no jornalismo como forma de conseguir contatos no meio editorial. Começou escrevendo críticas literárias e, aos poucos, foi se encaminhando para o gênero que alavancaria sua carreira: quadrinhos. A partir da série *Sandman*, lançada pelo selo Vertigo, da DC Comics, uma de suas maiores e mais expressivas criações, Gaiman se consagrou como autor de sucesso e várias de suas obras começaram a ser publicadas por grandes editoras.

Neil Gaiman é uma figura literária cada vez mais constante no cenário editorial, principalmente com o sucesso de suas adaptações e roteirizações para o cinema, como *Stardust* e *Beowulf*. Suas obras caminham por diversos públicos, variando desde histórias infantis até histórias adultas sombrias e sensuais.

Os livros físicos que dão suporte às suas obras, no Brasil, entretanto, são majoritariamente simples em termos de design e layout gráfico. Tais livros possuem elementos editoriais padronizados e básicos, pouco desenvolvidos criativamente ou que pouco exploram o conteúdo da obra na apresentação do suporte ao público. Essa simplicidade, portanto, serve de estímulo para ideias mais ousadas, que dialoguem apresentação gráfica com o conteúdo do projeto *A Calendar of Tales*.

1.INTERATIVIDADE

1.1 COLABORAÇÃO ENTRE LEITOR E ESCRITOR NA WEB

O termo “interatividade” tem sido amplamente empregado no que cerne a conceitos e situações diretamente ligados à informática, aos computadores, às noções de rede e cibernética, e aos jogos. Muitos outros conceitos são passíveis de uso e estudo ao falarmos de interatividade, mas eles não possuem relevância com o objeto de desenvolvimento e análise deste projeto.

Para fins específicos deste estudo, não serão analisadas a fundo as diversas nuances e vertentes do tema, tampouco a profunda e vasta dicotomia entre interatividade/interação, presente em inúmeros estudos prévios. De maneira geral, entenderemos interação como um conceito amplo e genérico, muito usado por artistas na década de 1960, físicos, sociólogos, psicólogos sociais, entre muitos outros campos de estudo, para indicar a ação dupla entre duas ou mais partes, seja esta ação qual for, e interatividade como um conceito específico de interação atrelado ao desenvolvimento e avanço das ferramentas tecnológicas.

A possibilidade interativa trazida pela disseminação e pelo aperfeiçoamento da internet se caracterizou como inovadora na medida em que, como mídia, revolucionou a maneira do consumidor receber a mensagem, concedendo-lhe meios para não apenas recebê-la, mas também modificá-la, comentá-la, traduzi-la, compartilhá-la e, principalmente, produzir suas próprias mensagens para outros usuários no mesmo espaço. No contexto midiático, a internet transformou o receptor em consumidor e produtor ativo de informação. Nesse sentido, todos os receptores seriam passíveis de serem igualmente emissores e, também, de interagirem diretamente (sem intermediários) com a mensagem e com o emissor, de acordo com o seu interesse, no mesmo ambiente midiático.

A participação do público no ambiente cibernético é a principal maneira de se manter um fluxo constante e forte de circulação de conteúdo. Cada vez mais as empresas estão compreendendo a imersão do consumidor no processo produtivo como uma forma inteligente, barata e rápida de divulgação, promoção, aperfeiçoamento e feedback sobre seus próprios produtos. A aproximação entre produtores e consumidores alavancada pela internet fomentou novas maneiras para as empresas se relacionarem com seu público, utilizando sua voz em benefício próprio.

A estratégia da Blackberry em manter um diálogo direto e fácil entre autor/leitor por meio do Twitter não foi novidade para Neil Gaiman, que já possuía uma conta na rede social e

já mantinha contato com seus fãs (quase dois milhões de seguidores) de tempos em tempos. A ideia, contudo, foi inteligente, na medida em que estimulou o envolvimento dos consumidores com o processo criativo, fazendo-os, eles próprios, divulgarem, promoverem e auxiliarem no desenvolvimento do projeto. Como coloca Jenkins (2009, p.30) “O consumo tornou-se um processo coletivo”.

Como uma construção coletiva, o escritor foi o mediador de várias informações e suas histórias se tornaram uma verdadeira colcha de retalhos com diferentes contribuições de um vasto grupo social cibernético. Essas pessoas que, juntas, construíram significados, não necessariamente possuíam conexões entre si. Seu interesse pelo sucesso do projeto foi o que as uniu e isto torna as histórias muito mais ricas do que se apenas germinassem de uma só mente.

Essa interação entre autor/leitor não é nova, tampouco uma característica intrínseca à internet. Comentários e opiniões foram, desde sempre, expressões naturais de leitores, embora tais correspondências fossem mantidas por meio de cartas ou telegramas, ou seja, um processo muito mais demorado e formal que um simples tweet de 140 caracteres.

A magnitude comunicativa e o alcance mundial do espaço cibernético fizeram da participação coletiva um processo rico em pontos de vista, aptidões, bagagens culturais e conhecimentos. A diversidade de contribuidores e contribuições, contudo, não fez do resultado da obra um caos de informações desconexas. A razão principal da unicidade de sentido e sequência lógica entre os doze contos compilados em um calendário é a existência de um mediador que filtrou as vastas propostas temáticas em um fio narrativo fluido. A separação em meses do ano, inclusive, facilitou a compreensão das diferenças entre os conteúdos.

O que alguns estudiosos chamam de cultura participativa na *web*, outros chamam de *crowdsourcing*, e seu conceito é muito simples: construção coletiva dos mais diversos tipos de conteúdo em ambiente cibernético. O Twitter foi a rede social que mais contribuiu para a expansão desta cultura, influenciando em muitos projetos literários colaborativos. É importante ressaltar, ainda, que o projeto *A Calendar of Tales* não foi a primeira iniciativa literária colaborativa online da qual Neil Gaiman participou. A BBC Audiobooks já havia convidado o escritor para escrever um conto por meio do Twitter, a partir de uma frase inicial de 140 caracteres. Os seguidores cadastrados complementariam o conto com, igualmente, 140 caracteres cada.

Em 2007, a Penguin Books e a Universidade De Montfort, na Inglaterra, desenvolveram o projeto *A Million Penguins* – Um Milhão de Pinguins, em tradução livre –;

um romance aberto que funcionaria colaborativamente em sua construção e do qual qualquer pessoa poderia participar. O projeto foi desenvolvido na mesma base de software do site Wikipédia, utilizando-se de noções similares de colaboração escrita. As contribuições literárias poderiam vir de qualquer um que desejasse participar da elaboração do livro e todas poderiam ser editadas, modificadas ou removidas por outros colaboradores. A essa noção de *crowdsourcing*, ou construção colaborativa online, desenvolve-se o conceito de inteligência coletiva cibernética, na medida em que um grupo de pessoas se une na elaboração de significados de forma criativa e conjunta.

A maior crítica recebida por *A Million Penguins*, contudo, foi a grande diversidade de vozes presentes na obra e as variações de linguagem, ideia, pensamento, análise, estilo etc. Nascido como uma experiência colaborativa, o projeto serviu para ampliar os horizontes participativos da comunidade online na construção de produtos editoriais, desenvolvendo conceitos primários de *Crowdsourcing* e Ficção Interativa, mas não se consolidou como bem sucedido por não possuir um mediador que conciliasse as variadas informações em uma sequência lógica e coesa.

O projeto *A Calendar of Tales* não foi pioneiro em sua ideia colaborativa no desenvolvimento de um produto literário com parceria entre um escritor consagrado e seus fãs. Outros projetos já apresentaram ideias similares, o que não anula a tendência participativa dos consumidores na criação de literatura no meio virtual. A importância da interatividade entre autor e leitor no meio cibernético é, então, caminho para projetos cada vez mais interessantes e criativos.

1.2 RELAÇÃO ENTRE DIFERENTES SUPORTES E MODOS DE LEITURA

A noção de interação trazida no tópico anterior pode ser expandida para as maneiras com que um leitor apreende o conteúdo de um livro. Ao longo do desenvolvimento da escrita e da prática de leitura da humanidade, os suportes forneceram diferentes experiências de leitura. A pedra, a tabuleta de argila, o papiro, o pergaminho, o papel e a tela foram evoluções na busca por possibilidades de leitura progressivamente mais práticas, fáceis e amplas. A facilidade e disseminação dos conteúdos foram os guias para que suportes cada vez mais leves e acessíveis fossem desenvolvidos, como é o caso dos *e-readers*.

A modificação na cultura social dos indivíduos influenciou as suas práticas de leitura, que exigiam rapidez, acessibilidade e praticidade no dia a dia. Portanto, o suporte e o formato dos livros foram, e continuam sendo, adaptados para condições de leitura diversas. O próprio

conceito de livro se modificou, na medida em que um livro não caracteriza necessariamente um suporte em papel impresso, com formato padronizado. Um livro pode ser entendido como um *audiobook*, um arquivo PDF, um epub, um arquivo Word, uma peça com material de plástico, pano etc.

Os suportes de leitura passaram por profundas mutações de acordo com as necessidades da humanidade e cada mudança gerou conflitos ideológicos acerca do esquecimento e abandono do suporte anterior. O códex revolucionou as práticas de leitura ao se apresentar como um formato menor, mais leve e mais barato, inaugurando experiências de leitura efêmeras e rápidas. As transições, portanto, são sempre encaradas com cautela pelos pensadores da comunicação, que consideram novos suportes ameaças a velhos suportes.

Assim foi com o desenvolvimento dos livros eletrônicos, os quais geraram os mais acalorados debates acerca do futuro do livro impresso. Este trabalho desconsidera tais análises de que diferentes suportes não podem conviver harmoniosamente em uma sociedade; que a existência do e-book necessariamente levará a óbito os livros impressos em papel. O que se vê hoje é a real e pacífica coexistência dos dois suportes, em que os mesmos, inclusive, se complementam como experiências de leitura específicas para determinadas circunstâncias e perfis de leitores.

O apelo à velocidade, à praticidade e à leveza tende a alterar a forma como os leitores tradicionais leem livros físicos, o que não significa que seja algo bom, nem ruim; é um processo, como já passou o próprio livro físico com a criação da prensa de Gutenberg, ao disseminar um suporte até então revolucionariamente prático e móvel, como são hoje considerados os smartphones, *e-readers* ou tablets.

Ler um livro no celular ou no computador é diferente de ler a mesma obra em um livro em papel ou em um *e-reader*. Bem como ler um livro em plataformas pequenas e leves em um transporte público lotado é mais fácil do que ler um livro em papel (por vezes pesado). É dessa forma que as mídias conversam com o leitor, fornecendo diferentes possibilidades, adaptáveis a variadas circunstâncias. Cada suporte possui sua limitação específica, o que não exclui suas capacidades efetivas de permitir a interação entre leitor e obra.

Henry Jenkins chama de cultura da convergência tal pluralidade de suportes e possibilidades, caracterizada pelo “fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos”. Cada mídia possui suas próprias regras e benefícios, mas, juntas, conseguem convergir informação de maneira nunca antes vista na história da humanidade. Cabe ao leitor escolher o que melhor lhe convir.

Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas. (JENKINS, 2009, p.33).

Essa convergência é o ponto de partida para que uma nova forma de comunicação se desenvolva: a narrativa transmídia. Segundo Jenkins (2009), esse tipo de narrativa se dá com o desenrolar de uma história se utilizando de diversas mídias, que contribuem, cada uma a sua maneira, para a formação do todo. Entretanto, o que torna esse tipo de narrativa interessante é que, apesar da complementaridade entre as mídias, não existe uma dependência entre elas para o entendimento da história a ser contada.

O projeto *A Calendar of Tales* explora bem tal narrativa, na medida em que apresenta a mesma história em várias plataformas. Disponibilizando diversas formas de leitura diferentes (seja em PDF, epub, *audiobook* etc.), o projeto proporcionou maneiras singulares de se ler a mesma história. Ainda que o conteúdo seja o mesmo, cada formato e suporte faz com que as mesmas histórias sejam lidas e apreendidas de maneiras diferentes.

2. TEXTO, IMAGEM E FORMA

Projetar um livro não é tarefa fácil. Longe de ser apenas colocar um texto manuscrito em caixotes de texto ao longo de extensas páginas, juntamente com paginações e cabeços, capa, quarta capa e lombada, um livro exige planejamento, exige criatividade e trabalho em equipe. Desenvolver um projeto gráfico envolve minuciosos (e importantíssimos) detalhes, tais como: para qual público o livro se destina, qual o orçamento disponível para elaborá-lo, quais as possibilidades de formato, material e acabamento, qual tipografia se adequa a temática da obra, entre muitos outros.

Se projetar um livro já não é fácil, projetá-lo pensando em imagens, formas textuais, ilustrações e grafismos complica ainda mais o processo. É dito isso, pois, ainda que a história dos livros ilustrados tenha evoluído consideravelmente, permanece delicado tratar deste tipo de livro no Brasil. Livros que envolvam desenhos e gravuras são compreendidos, pela maioria dos leitores, como livros infantis; livros que não merecem uma atenção especial por parte do público jovem/adulto.

Os leitores entretidos em uma página por um detalhe específico, atentos aos efeitos da diagramação, surpresos pela ousadia de uma representação ou encantados por uma inesperada relação texto/imagem descobrem, nestes momentos, uma dimensão complementar à história. Ao passo que outros, há muito tempo, já consideram o livro ilustrado como um tipo de obra cuja amplitude de criação, e habilidade dos autores e ilustradores, apela para ferramentas que permitem apreciar ao máximo o seu funcionamento.

Tocamos aqui no aspecto paradoxal do livro ilustrado: inicialmente destinado aos mais jovens, *a priori* menos experientes em matéria de leitura, ele se consolida como uma forma de expressão por seu todo, e não exige menos competência estabelecida e diversificada de leitura. (LINDEN, 2011, p.7)

Por terem sido voltados primordialmente para leitores novatos, os livros ilustrados carregaram ao longo de sua história a ideia equivocada de que imagens são de interesse exclusivo do público infantil. Adultos não têm porquê se sentirem atraídos ou mesmo instigados por imagens em um livro; adultos leem textos.

Esses preconceitos não se sustentam, contudo, ao pesquisarmos o quanto as técnicas de pintura, desenho e impressão se aperfeiçoaram com o tempo, e se ramificaram em diversas possibilidades de produção de sentido. As imagens podem ser decorativas, podem complementar as informações de um texto ou podem ser as próprias informações de um livro.

Ler imagens, desenhos, ilustrações, pinturas e grafismos requer leitura de mundo, bagagem cultural, imaginação e interpretação. Requer um leitor atento e curioso.

A valorização da linguagem visual no mundo contemporâneo tem conseguido rebater tal conceito de livro ilustrado, principalmente com os diversos projetos gráficos exuberantes, exóticos, inusitados e criativos. Tipos de papel variados, cores e cortes especiais, acabamentos diferenciados, tipografias das mais diversas, ilustradores que mesclam tecnologia com pintura...Todos estes elementos, em conjunto, fazem com que um livro ilustrado não seja apenas um livro para criança, mas uma obra a ser lida por todos os públicos.

No caso deste projeto, o layout do livro *Um Calendário de Contos* buscou fazer das imagens uma linguagem complementar àquela disponível na leitura dos textos escritos por Neil Gaiman. Assim como as ilustrações, os textos-imagem foram alternativas diferenciadas para inserir novas percepções de leitura, instigando o leitor com pequenos detalhes que podem tornar a leitura mais interpretativa.

Todo o projeto gráfico foi pensado e desenvolvido em conjunto e harmoniosamente, fazendo com que todos os elementos conversassem entre si e com o leitor. As interpretações se ampliam e se fundem com o próprio imaginário do leitor, esvaziando do criador da obra a responsabilidade por todo o seu sentido.

Sophie Van der Linden (2011) faz algumas distinções básicas entre os tipos de livros ilustrados, caracterizando-os pelo papel da imagem no livro. As principais distinções, mais conhecidas no Brasil, são:

- Livros ilustrados: obras em que a imagem é preponderante ao texto, este último sendo relegado a segundo plano na narrativa da história. O texto é acessório da imagem, apresentando-se reduzido e adaptado conforme as necessidades da imagem.
- Livros com ilustração: é o caso do projeto desenvolvido pelas alunas em *Um Calendário de Contos*, em que as imagens e os textos conversam entre si, sem que um exclua a presença do outro, mas ainda privilegiando a presença do texto na narrativa.
- Livros-imagem: obras em que textos não são necessários para a narrativa, esta baseada somente em imagens ou ilustrações.

Mais do que delimitar o papel da imagem e do texto no livro, foi desenvolvido um projeto em que o próprio texto se mescla com a imagem, sendo ele mesmo uma representação visual e não apenas textual. As aberturas de cada conto mesclam, duplamente, a padronização formal de um calendário com a liberdade criativa do texto-imagem, o qual varia de acordo com a temática do conto e das possibilidades de criação, sem que a leitura seja prejudicada.

As aberturas mesclam, ainda, textos-imagem com textos que conversam com determinadas imagens, como é o caso dos ponteiros do relógio da abertura do Conto de Janeiro, feitos dos textos da pergunta de Neil Gaiman. Para que o leitor não se habituasse ao estilo das aberturas e pudesse se surpreender a cada conto, algumas aberturas se utilizaram de imagens vetorizadas, postas em transparência para manter a sobriedade e delicadeza do projeto gráfico.

A ideia é que o livro ilustrado transcende a questão da copresença por uma necessária interação entre texto e imagem, que o sentido não é veiculado pela imagem e/ou pelo texto, e sim, emerge a partir da mútua interação entre ambos. (LINDEN, 2011, p.86).

Em um primeiro momento, quis-se utilizar algumas das ilustrações enviadas ao projeto original na criação deste livro. No entanto, a dificuldade em se encontrar as imagens em resolução tal que permitisse a manipulação das mesmas para que se encaixassem ao projeto gráfico levou à opção de se adaptar as ilustrações escolhidas, sendo estas adaptações feitas à mão e, posteriormente, vetorizadas eletronicamente.

A inspiração para essas adaptações veio de dois grandes ilustradores: Skottie Young (ilustrador do livro *Fortunately The Milk*, de Neil Gaiman – ainda sem tradução para o português) e Christian Bruel Anne Bozzelec (ilustrador do livro *Historie de Julie qui avait* – também sem tradução). As pesquisas levaram a pensarem em ilustrações com traços simples, mantendo o visual *clean* adotado em todo o projeto. As cores foram recursos gráficos utilizados somente nas ilustrações em que uma determinada cor era fundamental na narrativa do conto, como no caso da menina da capa amarela do conto de fevereiro ou do chapéu vermelho da personagem de novembro. O objetivo era tornar o projeto gráfico como um todo o mais simples e sóbrio possível, de modo a deixar a leitura dos contos agradável e, ao mesmo tempo, surpreendente.

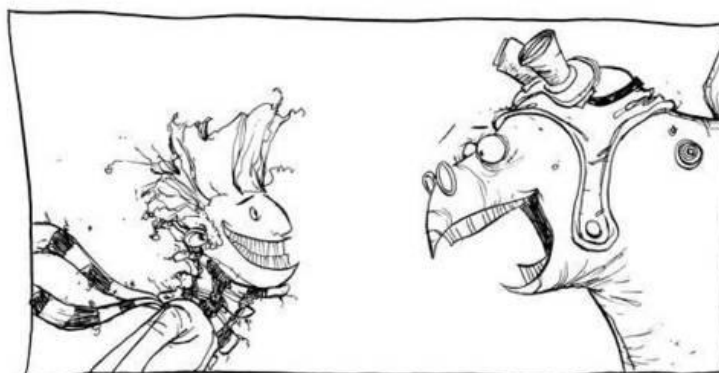


Figura 1: *Fortunately The Milk*; Skottie Young



Figura 2: *Historie de Julie qui avait*; Christian Bozzelec

É fundamental que, ao analisar um livro ilustrado, o leitor não se atente somente às imagens, mas sim ao projeto como um todo. Cada componente do projeto – a tipografia, o tipo de papel, o acabamento, o formato, a disposição dos textos e das ilustrações, os grafismos etc. – fez com que o livro se tornasse um objeto criativo. As próprias limitações do suporte tornam aquele objeto uma peça com personalidade e expressão.

O objetivo principal deste projeto foi a criação de um livro que pudesse explorar de maneira criativa o conteúdo dos contos desenvolvidos por Neil Gaiman. Conhecido por sua inventividade e imaginação sem limites, seus projetos costumam causar muitos impactos positivos no mercado editorial, fortalecidos pelas várias parcerias com ilustradores famosos e ousados.

Criar um livro que correspondesse a essas expectativas gráficas, portanto, foi um desafio enorme, mas um desafio bem vindo. Desenvolver um livro com ilustrações envolve uma série de detalhes e associações com o projeto inteiro que de outra maneira não faria do resultado uma obra de arte. Procurou-se, então, seguir o conselho do escritor e fazer “boa arte”.

3. METODOLOGIA DA ELABORAÇÃO DO LIVRO IMPRESSO E DO E-BOOK

3.1 PREPARAÇÃO DO CONTEÚDO EM INGLÊS

Nessa etapa, foram lidos muitos livros originais e traduzidos do autor para que se adquirisse noções da linguagem e estilo, tanto da língua inglesa quanto das melhores traduções, de modo a adequar o processo ao que já é produzido no mercado editorial brasileiro. Exemplos de livros lidos: *Deuses Americanos*, *Coisas Frágeis* (volumes I e II), *Os Filhos de Anansi*, *Coraline*, *O Oceano no Fim do Caminho*, *Dias da Meia-Noite*, *Fumaça e Espelhos*, *Stardust*, *Lugar Nenhum*, *Sandman* (HQ), *Eternos* (HQ), *O que Aconteceu ao Cavaleiro das Trevas?* (HQ – história do Batman por Neil Gaiman), *O Livro do Cemitério e Erros Fantásticos* (Faça Boa Arte). Todos os gêneros escritos pelo autor – quadrinhos, romances, contos – foram analisados linguisticamente.

3.1.1 Tradução e Copidesque

Os doze contos originais se encontram disponíveis apenas em inglês, portanto houve a tradução do conteúdo para o português e posterior copidesque. Após o copidesque, todo o conteúdo foi revisado, atentando para a adequação da linguagem e do estilo dos contos originais, homogeneização da tradução, erros de digitação e uso adequado da gramática da língua portuguesa. Todo o processo de revisão foi realizado atentando para pontos importantes e concomitância de ideias, no intuito de não haverem discrepâncias entre as traduções e haver uniformidade na obra. Houve uma revisão final, realizada por uma terceira pessoa para que se minasse quaisquer erros passados despercebidos.

3.1.1.1 Dificuldades Encontradas Durante o Processo de Tradução

Os contos não presentes na listagem que se segue (Fevereiro e Junho) não apresentaram dificuldades.

Conto de Janeiro

Difícil compreensão do termo *whap* utilizado pelo autor. Interpretou-se que tal palavra foi empregada visando reproduzir um som; a associação encontrada, pois, em português foi “Paf”. Nenhuma tradução específica que pudesse auxiliar a aluna foi encontrada.

O trecho *They came tumbling down from the attic-hole: brick-grey and mould-green, sharp-toothed and fast, so fast* foi igualmente complexo para a aluna, que teve dificuldade em traduzir as expressões adjetivas como *brick-grey* e *mould-green*, além de não conseguir encontrar uma palavra que traduzisse completamente o sentido de *tumbling down*. Esse pequeno trecho demorou muitas horas para ser traduzido e o resultado não agradou por completo.

A palavra estrangeira *crisp* causou problemas de tradução pela dificuldade de compreensão da intenção do autor ao utilizar tal adjetivo, principalmente pela palavra escolhida possuir vastos significados de acordo com o contexto em que é utilizada, como “quebradiço”, “vivo”, “frisado” etc. Foi necessária a ajuda de terceiros para que a palavra “limpo” fosse compreendida como uma boa escolha de tradução.

As expressões *whumpf* e *fir tree* foram complexas em sua tradução. A primeira foi compreendida como um efeito sonoro, mas não foi encontrada nenhuma palavra que expressasse tal intenção em português de maneira semelhante. A segunda foi primeiramente traduzida como “abeto” (espécie de pinheiro), contudo tal nome não é comum no Brasil, logo se optou pela palavra genérica “pinheiro”, de modo a facilitar a leitura.

Os nomes dos anos não foram facilmente compreendidos; inicialmente, confundiu-se com expressões como *Twenty Twelve*. Somente durante o processo de copidesque foi sugerido que, em inglês, é comum se referir aos anos por duas dezenas (Vinte Doze).

Conto de Março

Traduzir a palavra *rapsallion*, presente na inspiração para o conto; desconhecia-se a história da pirata Anne Bonny mencionada, o que dificultou a compreensão da melhor tradução para a expressão, a qual se deteve na palavra “maroto”.

A expressão *fair skin*, causou certo estranhamento, pois não é considerada comum. Após vastas pesquisas, a tradução de *fair* para “clara” foi a mais satisfatória.

A palavra irlandesa para “querida”, *acushla*, utilizada ao final do conto, indica uma referência importante que não poderia ser suprimida ou adaptada livremente. Dessa forma,

optou-se por manter a palavra estrangeira e indicar em nota a tradução correspondente para o português.

Conto de Abril

Considerou-se mais apropriada a não tradução dos termos *gin rummy* e *happy families*, referentes aos nomes dos jogos de cartas propostos por um dos personagens do conto. Como são nomes, assim como *poker*, nenhuma tradução pré-existente foi encontrada e traduzir tais expressões poderia prejudicar a compreensão da frase.

A expressão *dealing off the bottom* foi de difícil tradução, pois é muito particular ao universo dos jogos de cartas profissionais; não é comum encontrar tal expressão traduzida, sendo muito utilizada em inglês, mesmo por brasileiros. Após muitas pesquisas, foi compreendido que *dealing off the bottom* é uma forma de se dar as cartas do baralho durante um jogo. Não há nenhuma expressão similar em português e o uso de nota de rodapé elucidativa nesse caso não seria preferível. Portanto, escolheu-se explicar a expressão no próprio texto.

Conto de Maio

A expressão *secure your own mask before helping others* causou dificuldade de compreensão e foi traduzida como “cuide do seu próprio rabo antes de ajudar os outros”.

Conto de Julho

O conto utiliza a redundância de ideias, característica da língua inglesa, como cadência. A tradução para o português, no entanto, não pode seguir a fio tal cadência, pois causaria estranhamento e dificultaria a legibilidade do texto. A maior dificuldade foi em manter o estilo do autor.

Houve dificuldade também com algumas expressões, como *basking like a cat in the July heat* e *a night filled with pinprick stars*. Na falta de expressões correspondentes na língua portuguesa, optou-se por uma tradução livre da expressão: “me aquecendo como um gato no calor de verão e uma noite salpicada por estrelas.”

Conto de Agosto

A linguagem utilizada na versão original desse conto é bastante poética, portanto traduzir a poesia se mostrou ser um grande desafio. A principal dificuldade se deu na inspiração do conto: *August would speak of its empire lasting forever whilst glancing, warily, at the leaves cooking on the trees*; sua tradução, após inúmeras pesquisas e tentativas: “Agosto falaria de seu império durando para sempre enquanto olha, com cautela, para as folhas queimando nas árvores.”

Outra dificuldade foi a tradução do termo *creek-wate*, que, após pesquisas e consultas com fluentes de língua inglesa, chegou-se à “enseada”.

Conto de Setembro

As denominações de pássaros *magpie* e *jackdaw* necessitaram muita pesquisa e consultas para se chegar às suas traduções “corvo de riacho” e “gralha”.

Conto de Outubro

As principais dificuldades giraram em torno de expressões específicas, tais como *puff of smoke* (traduzida como “nuvem de fumaça”) e *I ran errand* (“Eu fazia tarefas rotineiras”).

Viu-se, também, a necessidade de adicionar uma explicação após o nome “Creso”, por acreditar na possibilidade do público leitor não ter referências para entendê-lo no contexto da história. Sua tradução ficou decidida, então, como “Creso, o último rei da Lídia”.

Conto de Novembro

A expressão *each day took more from her* causou bastante confusão e foi preciso a ajuda de terceiros para se chegar à tradução “cada dia a consumia mais”.

Outra expressão utilizada no original e que trouxe dificuldades foi *her wake*; seguindo a temática de todo o conto, a expressão seria traduzida como “sua vigília”, no entanto, percebeu-se que o uso de “vigília” não é tão comum na língua portuguesa e poderia causar estranhamento. Decidiu-se, então, traduzir a expressão como “seu despertar”.

A sentença *she tipped the hat at a jauntier angle* foi traduzida como “ela Inclinou o chapéu de forma confiante” para evitar maiores explicações sobre o termo “jauntier”.

Conto de Dezembro

A maior dificuldade encontrada foi a tradução da frase *plump where Donna's mum was pinched*. Por se tratar de uma expressão idiomática sem correspondência na língua portuguesa, a aluna optou por uma tradução livre, resultando em “carnuda onde a mãe de Donna era apertada”.

3.1.1.2 Dificuldades Encontradas Durante o Processo de Copidesque

Os contos não presentes na listagem que se segue (Janeiro, Fevereiro, Abril, Setembro e Novembro) não apresentaram dificuldades.

Conto de Março

A decisão de traduzir *fair skin* como “pele clara” causou estranhamento e, portanto, foi preciso uma vasta pesquisa até se chegar à forma final “pele pálida”.

Conto de Maio

A expressão *secure your own mask before helping others* foi traduzida como “cuide do seu próprio rabo antes de ajudar os outros”. Após pesquisa, percebeu-se que a expressão se pauta em instruções de voo e foi, assim, revista para “ajuste sua própria máscara antes de ajudar os outros”, uma referência às máscaras de oxigênio utilizadas em caso de despressurização da cabine de aeronaves.

Conto de Junho

O conto necessitou de alguns ajustes estruturais, pois o original em inglês é escrito de maneira a lembrar um diálogo que segue uma linha de pensamento contínua. No entanto, com a tradução para o português, alguns trechos pareciam soltos e perdidos. Foi preciso uma adequação para que se tivesse a fluidez da língua portuguesa.

Conto de Julho

O conto necessitou de ajustes estruturais, pois havia muitas repetições e sentenças curtas. Alguns parágrafos curtos foram, então, unidos em uma sequência narrativa lógica, de modo a tornar a leitura do texto mais fluida.

Conto de Agosto

A frase *Peter, who is Australian, and owns the house at which I live, cooking for him, and tending the place, said, In Australia, the Eucalypts use fire to survive*, quando traduzida literalmente, torna-se confusa e causa grande estranhamento. Tentou-se manter a tradução mais próxima possível do original, mas o resultado, ainda assim, não foi satisfatório. Optou-se, então, por modificar a estrutura da frase, de modo a torná-la mais fluida, sem prejudicar a mensagem do autor, reformulando o parágrafo para “Peter, australiano, é o dono da casa em que vivo, onde minhas principais tarefas são cozinhar para ele e cuidar do lugar. Ele disse que, na Austrália, os eucaliptos sobrevivem por causa do fogo.”

Conto de Outubro

O trecho *The creeping sunlight touched her face, and she opened her eyes and stared at me, and she smiled. ‘You know what I never asked,’ she said*, ao ser traduzido literalmente, apresenta muitas repetições, as quais não são bem vistas na língua portuguesa. Optou-se, então, por ajustar as frases, de modo a tornar a leitura mais fluida: “A rastejante luz da manhã tocou seu rosto. Ela abriu os olhos, me encarou e sorriu. — Sabe o que eu nunca perguntei? — ela disse.”

Conto de Dezembro

A expressão *plump where Donna’s mum was pinched* causou dificuldades tanto na tradução quanto no copidesque. Foi preciso muita pesquisa e ajustes para se chegar a “curvilínea onde a mãe de Donna era reta”.

3.2 DESENVOLVIMENTO DO ARQUIVO DIGITAL

3.2.1 Livro Impresso

A pesquisa de campo feita previamente ao desenvolvimento do projeto gráfico permitiu que muitas ideias fossem reunidas. Algumas se mantiveram ao longo do processo, outras precisaram ser adaptadas ou modificadas devido a dificuldades ou a não correspondência às expectativas. Será disposta a seguir a evolução de cada etapa da elaboração do livro impresso, em que as principais dificuldades e modificações serão descritas.

Formato

Buscou-se inspiração na poucas imagens encontradas do livro impresso pela própria Blackberry, referente à obra *A Calendar of Tales*. Infelizmente, as imagens disponíveis eram muito limitadas e não expunham muito sobre o livro como um todo. Entretanto, utilizou-se o que foi encontrado como ponto de partida para as próprias ideias.

Pelo fato do livro “original” ter sido impresso em formato retangular (largura maior do que altura) e tamanho grande (em que são necessárias ambas as mãos para sustentar o livro aberto), a tendência, inicialmente, foi seguir o mesmo formato. Posteriormente, surgiu a ideia de desenvolver o projeto a partir do formato de um calendário. Assim, chegou-se à medida 21x16 cm, baseada em um modelo de calendário de mesa.

O formato escolhido servia aos propósitos criativos desejados por tornar a apresentação do livro mais relacionada ao seu conteúdo, e também por poder se adequar a interesses mercadológicos e comerciais; o livro, por ser menor, pode ser facilmente segurado por apenas uma mão e lido em qualquer lugar. Além disso, pensou-se na inserção de orelhas na capa e na quarta capa do livro, de modo a fazer delas um apoio para que o livro ficasse sustentado em uma superfície plana, conforme um calendário de mesa, caso os leitores desejassem tal efeito estético.

Margens e sangramento

Inicialmente, foi disposta uma mancha gráfica nos limites de 2 cm da margem superior (maior devido ao acabamento em espiral), 1,5 cm da margem inferior e 1 cm das margens laterais. O sangramento das imagens e cores ficou em 2 mm. Após orientações de professores e designers, ampliou-se as margens laterais para 2 cm; as críticas foram de que o texto estava muito espaçado nas páginas. Da mesma forma, o sangramento foi reajustado para 5 mm dos limites da página, para que se pudesse ter maior segurança com o corte das páginas pela gráfica responsável pela impressão.

Páginas pré e pós-textuais

Por uma questão estética e de estilo do livro desenvolvido neste projeto de conclusão de curso, optou-se por não inserir sumário, nem folha de rosto. Tais páginas foram consideradas desnecessárias para esta obra especificamente, por se tratar de contos muito curtos e pensados de maneira a se distanciar de projetos padronizados, cujas estruturas pré e pós-textuais são comumente bem delimitadas na apresentação gráfica.

O colofão e a página de créditos, contudo, foram considerados elementos importantes. Por motivos estruturais do livro, que deveria conter um total de páginas par, o colofão foi inserido ao final dos contos, para que o livro finalizasse em 68 páginas. Tal disposição é necessária ao se pensar que o livro será lido da mesma forma que um calendário de mesa, ou seja, frente e verso. O colofão, além dessa decisão estrutural, é elemento importante em qualquer livro para profissionais do ramo editorial que desejem ter um conhecimento geral da tipologia e do material utilizado no projeto.

A página de créditos é imprescindível para qualquer livro, especialmente em uma obra com tantas contribuições, como é o caso de *Um Calendário de Contos*. Todas as participações dos fãs com inspirações ou mesmo as imagens em que os desenhos se basearam deveriam estar bem explicitadas na página de créditos, juntamente com a própria participação da aluna em cada etapa desenvolvida.

Texto

A primeira fonte tipográfica escolhida para esboçar os contos foi a Garamond, por sua simplicidade e delicadeza de traços, características buscadas em toda a apresentação de layout do livro. Posteriormente, contudo, foram pesquisadas várias fontes que pudessem se relacionar melhor com o projeto. Algumas das fontes selecionadas foram: Gentium, Ahellya,

Cardo, Colwell e a própria Garamond. Todas possuíam traços delicados e simples, então, todas foram testadas. A que melhor se ajustou aos interesses foi a fonte Gentium (código aberto), tamanho 12 pt, muito próxima da Garamond, porém maior e mais clara na leitura de textos corridos.

Foi decidido que os textos das aberturas deveriam possuir a mesma fonte tipográfica, de modo a não incomodar a leitura e a manter unicidade ao longo da passagem dos contos. A primeira fonte escolhida para as aberturas foi a Georgia, por seu traço arredondado e ao mesmo tempo institucional, muito próximo das fontes utilizadas em calendários. Posteriormente, foi orientado que a fonte serifada nas aberturas em que o texto-imagem se fazia presente dificultava a leitura das frases. Então, modificou-se as aberturas para uma fonte não serifada. A escolhida, após pesquisas e testes, foi a Corbel, que se adaptou bem ao projeto gráfico e não descaracterizou a simplicidade e harmonia do layout.

No conto de maio, os dois primeiros bilhetes que a personagem encontra foram ilustrados em uma imagem ao invés de serem somente texto corrido. Para tal adaptação, optou-se pelo uso de uma fonte tipográfica que se assemelhasse a caligrafia manuscrita de uma pessoa comum e relativamente apressada. A primeira fonte escolhida foi a Segoe Script, porém recebeu críticas pela sua forte associação com fontes manuscritas padronizadas. Após muitas pesquisas, chegou-se à fonte Dawning of a New Day (código aberto), a qual preservava a ideia inicial, mas não se associava tão fortemente com fontes manuscritas conhecidas.

Ainda no conto de maio, o aviso que a personagem encontra pintado em seu teto foi representado em uma imagem para que a referência a um aviso de avião ficasse mais clara aos leitores. A fonte escolhida para o aviso foi a Arial, por não apresentar serifa e por ser uma fonte muito utilizada para esses propósitos informativos rápidos.

Entendeu-se que havia a necessidade de marcar a primeira linha de cada conto como o início e, para tanto, decidiu-se inserir uma capitular, na tentativa de evidenciar isto. O estilo da letra capitular se baseou em 2 linhas de altura, *tracking* de valor 80 entre a capitular e a próxima letra, e mesma fonte do texto. Devido a uma convenção estética com relação a capitulares, não foi inserida nenhuma indentação de parágrafo. Além disso, objetivando a simplicidade e delicadeza do projeto gráfico, foi compreendido que a aplicação de 70% da cor preta seria mais adequada.

Cores

O projeto gráfico foi pensado para ser sóbrio, simples e harmonioso com a ideia de passagem de tempo durante um ano. Para as cores das aberturas, portanto, pensou-se em uma palheta de cores que explorasse as estações do ano (as cores não referenciam as estações do Brasil, e sim do hemisfério norte, onde o escritor vive).

A primeira palheta foi elaborada pensando em tons de azul para os meses de inverno (dezembro, janeiro e fevereiro), tons de magenta para os meses de primavera (março, abril e maio), tons de amarelo para os meses de verão (junho, julho e agosto) e tons de verde para os meses de outono (setembro, outubro e novembro). A passagem das cores foi feita de forma suave e gradativa, de modo a não mudar de um tom para outro de forma abrupta.

O tom de verde do mês de dezembro, entretanto, gerou desconforto visual em muitas pessoas convidadas a criticar o projeto, por não caracterizar claramente o inverno. Dessa forma, optou-se por aproximar o tom de dezembro para azul, conforme janeiro e fevereiro.

Buscou-se ainda um tom mais suave para as cores, as quais estavam muito fortes e chamativas. Dessa forma, mudou-se a opacidade das cores das aberturas para 80%. Abaixo segue esquema ilustrativo das 3 versões da palheta de cores.



Os contos de janeiro e dezembro possuíram o diferencial da última página ser preta com letras brancas. O recurso visa romper com a padronização dos contos e surpreender o leitor, já que ambas as páginas pretas apresentam um grafismo como detalhe. Ambos foram recursos com objetivos estéticos, mas que possibilitam interpretações variadas.

As ilustrações do livro se caracterizaram por não possuírem cor, sendo baseadas em traços simples. Algumas, entretanto, foram exceções. Tal recurso foi explorado nos contos em que a cor era um elemento muito marcante na narrativa. As cores funcionam, nesses casos, como linguagens narrativas por si próprias, abrindo caminho para não somente causarem impactos estéticos, mas também influenciarem na interpretação e atenção dos contos.

Duas frases relativas ao frio e ao calor extremos dos personagens do conto de junho utilizaram a cor como recurso estético e como reafirmador das discordâncias de ambos, introduzida pela abertura nas mesmas cores.

Os “x” das aberturas, referentes à passagem do tempo ao longo da leitura dos contos, buscou se aproximar o máximo possível de uma intervenção manual. A irregularidade e o tom de vermelho similar ao de uma caneta comum, mesclado com traços finos, objetivou acentuar tal percepção no leitor.

O projeto gráfico do livro *Um Calendário de Contos* procurou não sobrecarregar o leitor com muitas informações visuais e textuais. Assim, as cores utilizadas foram específicas. A intenção primordial é despertar no leitor a curiosidade de saber o que cada página lhe reserva, sem que a leitura seja uma atividade cansativa e desagradável.

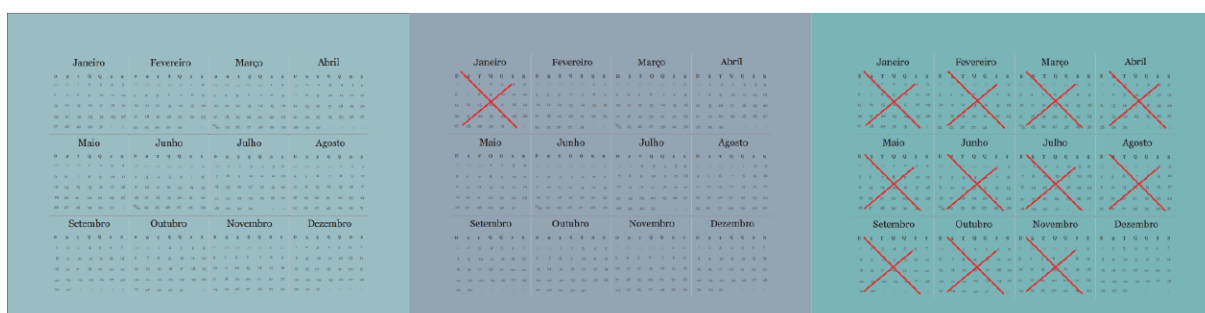
Aberturas

As aberturas foram pensadas de maneira a criarem unicidade entre os contos, os quais não possuem nenhuma relação entre si além da passagem sequencial pelos meses do ano. Assim, cada abertura indicaria o começo de uma nova história, de um novo mês, como equivalente a uma abertura de capítulo em um livro convencional.

As primeiras aberturas utilizaram traços incompletos, dispostos aleatoriamente pelas páginas, juntamente com a disposição do texto, que, se vistas em sequência, remeteriam a ondas. As linhas representavam os traços de um calendário, mas tanto este conceito quanto a disposição do texto não foram compreendidos pelas pessoas convidadas a criticarem o projeto. Repensou-se, então, o layout das aberturas para um conceito mais facilmente compreensível e intuitivo com a proposta do livro. Segue abaixo esquema ilustrativo da primeira versão das aberturas.



O novo conceito de abertura dos contos trouxe maior compreensão acerca da passagem do tempo, em que o uso de calendários e as marcações em “x” foram soluções satisfatórias. Ao longo de cada conto, os meses anteriores são marcados com um “x”. O calendário utilizado para ilustrar as aberturas foi baseado em 2013, ano de publicação de *A Calendar of Tales*. Os primeiros traços dos “x” foram padronizados e grossos, conforme esquema ilustrativo abaixo, referente aos meses de janeiro, fevereiro e dezembro, respectivamente.



Apesar dos “x” terem sido bem recebidos pelo público convidado a criticar o projeto, os traços demasiado grossos e regulares causaram desconforto, por não caracterizarem uma referência a marcações manuais. Foi orientado, então, que se diferenciassse os traços de cada “x”, tornando-os irregulares, e se deixasse os traços mais finos, conforme os de uma caneta sobre o papel. Segue abaixo esquema ilustrativo da última versão das aberturas, referente ao mês de dezembro.



No calendário, os números referentes ao mês anterior, conforme calendários comuns, são mais claros do que os números referentes ao mês vigente. O tom escolhido para ser mais claro, entretanto, em um primeiro momento, causava desconforto em certas aberturas com

tons mais escuros ou claros. Dessa forma, as alunas escureceram os tons dos números do calendário.

A sequência dos calendários e das marcações terminava com o mês de dezembro vazio, já que após dezembro não havia mais nenhum conto, logo nenhuma abertura restante. Tal finalização das histórias, entretanto, desagradou muitos críticos do projeto, os quais sugeriram que se encontrassem um modo de marcar o mês de dezembro, conforme feito nos outros meses. Muitas foram as soluções pensadas, como colocar mais um calendário com todos os meses marcados (em fundo branco) ou apenas colocar as marcações, sem o calendário como fundo. A solução que mais agradou, contudo, foi a inserção de uma marcação no colofão no lugar em que estaria disposto o mês de dezembro. Caberia ao leitor interpretar o posicionamento e a marcação em tal página.

Inspirações para os contos

O projeto original *A Calendar of Tales* pensou as aberturas dos contos com as propostas inspiradoras, apresentando as perguntas de Neil Gaiman e as respostas dos fãs, juntamente com as imagens ilustrativas enviadas por outros participantes.

Não foi possível utilizar as imagens originais, por sua qualidade e tamanho muito inferiores aos necessários para impressão. Pensando em uma proposta mais ousada, resolveu-se trabalhar as inspirações de forma diferenciada, conforme o conteúdo de cada conto, fazendo com que a leitura se tornasse um processo surpreendente para o leitor.

Algumas inspirações trabalharam apenas o texto como imagem, outras utilizaram as imagens e o texto de forma complementar. Em um primeiro momento, as imagens ficaram em preto 100%, mas causaram muito impacto visual pelos tons fortes, distanciando-se das intenções sóbrias e delicadas do projeto. Dessa forma, as imagens foram postas de 30 a 50% de opacidade, segundo as necessidades de cada abertura.

Para o conto de janeiro, as duas frases referentes à pergunta de Neil Gaiman foram dispostas conforme os ponteiros (hora e minuto) de um relógio, tendo a imagem do mesmo ao fundo. A disposição dos ponteiros indica a nomenclatura das personagens principais do conto, Doze e Treze. O esboço da ideia para tal inspiração surgiu com a disposição de ambos os ponteiros no número 12, indicando meia-noite, mas foi considerada mais interessante a disposição final indicada anteriormente.

Para o conto de fevereiro, inicialmente foi pensada a disposição dos textos de maneira a representarem um colar, com a resposta do fã indicando um pingente. Tal representação,

contudo, não foi compreendida por outras pessoas. O novo conceito, então, optou pela imagem de um colar, com os textos agrupados em seu entorno. A resposta do fã ficou dentro do pingente, de modo a acentuar sua importância no conto.

Para o conto de março, se pensou na disposição do texto no formato de ondas. Inicialmente, os textos foram separados em quatro frases, referentes a quatro ondas de níveis distintos. Após algumas análises, contudo, foi considerado que a disposição dos textos em duas ondas seria mais adequado visualmente. Para dar maior ênfase à profundidade entre as duas frases, a primeira foi diminuída em relação à segunda.

Para o conto de abril, foi pensada a disposição do texto no formato de um pato. Por se tratar de um texto-imagem, os cantos do pato foram arredondados para que a leitura não fosse prejudicada.

O conto de maio, bem como o de abril, teve seu conceito mantido ao longo da evolução do projeto e não sofreu modificações significativas. A ideia foi reproduzir um cartão postal, mencionado no conto.

Em junho, dividiu-se ao meio os tons da abertura, delimitando claramente dois ambientes – um para o frio, outro para o calor. A ideia era reproduzir de maneira extrema a discordância característica das personagens do conto. O uso das cores e das imagens em transparência, localizadas diagonalmente nos dois polos, procurou reforçar tal intenção de oposição.

A abertura de julho foi de difícil elaboração, por se tratar de um iglu feito de livros. Inicialmente, tentou-se fazer um texto-imagem com as frases da inspiração em formato de iglu, mas a imagem não ficou satisfatória ou até mesmo compreensível. Dessa forma, se adaptou uma imagem que sintetizasse em si a ideia do iglu feito de livros, com as frases dispostas em um espaço separado.

Para agosto, se pensou, inicialmente, em ressaltar a imagem da fênix, explorada implicitamente no conto. Entretanto, não foi encontrada uma maneira satisfatória de compor a abertura, utilizando criativamente o texto. Assim, foi acordada a inserção de uma imagem referente ao fogo, com o texto disposto separadamente.

Em setembro, se buscou elaborar a abertura utilizando as ideias do anel e do leão. As frases foram dispostas em formato circular, com o leão em seu interior. Posteriormente, decidiu-se usar o leão como ilustração do conto e deixar as frases circulares sem preenchimento interno.

Para a abertura de outubro, foi elaborada a ideia de dispor o texto em forma de fumaça a partir da imagem de uma lâmpada, reforçando a referência com o gênio abordado no conto.

Em novembro, a elaboração da abertura foi complexa, na medida em que trabalhar o texto em formato de fumaça já havia sido explorado no conto anterior. Foi pensado, inicialmente, em dispor o texto dentro de uma ilustração de fumaça, a qual sairia de um braseiro. Achar uma reprodução compreensível e satisfatória, contudo, foi um desafio maior do que o esperado. Foi decidido, então, preservar o texto dentro da imagem de fumaça, mas excluir o braseiro.

Dezembro apresentou dificuldade similar a novembro, pois não se conseguiu pensar a composição imagética da abertura de maneira criativa e que se relacionasse, ao menos minimamente, com o conto. A ideia inicial foi utilizar imagens vetorizadas de duas pessoas, representando o encontro do velho com o novo, explorada no conto. Após inúmeras tentativas infrutíferas, optou-se por ilustrar a abertura com flocos de neve, representando o frio extremo retratado no conto.

As inspirações originais apresentavam o texto “Inspiração para o conto de (mês)”. Optou-se, por omitir tal frase das aberturas, já que haveria um texto explicativo na caixa do livro, indicando os propósitos das inspirações. Seu reconhecimento, então, seria inevitável.

Ilustrações

Algumas ilustrações foram pesquisadas em bancos de dados variados na internet, vetorizadas e adaptadas para o layout do livro, enquanto outras foram desenhadas devido à especificidade de seus traços e suas formas.

Em janeiro, a inspiração do conto foi disposta a partir da imagem simplista de um relógio (Branchearica – dreamstime.com) em transparência. As expressões PAF (autor desconhecido – clipartlogo.com) também foram imagens, construídas a partir de um balão de expressão, muito comum em quadrinhos (autor desconhecido – clipartlogo.com). Ao todo são utilizados três balões no conto, sendo que cada ocorrência aumenta gradativamente o tamanho e o tom de cinza, de modo a reforçar a intensidade do som. Também foi utilizada a imagem de uma ampulheta em transparência, adaptada a partir de uma imagem existente (Naddya – shutterstock.com).

Para a inspiração do conto de fevereiro, foi utilizada a imagem de um colar em transparência (Kengchun – clipartlogo), de maneira a remeter ao pingente tratado na história. As ilustrações da menina da capa amarela (Lady Tinus – deviantart) e das baleias aladas (Draken Kaizer – deviantart) foram redesenhadas, por suas imagens originais não possuírem

qualidade satisfatória quando vetorizadas. As escolhas se deram pela semelhança com a imagem escolhida para o projeto original.

Em março, as macacas foram dispostas a partir das imagens de caveiras de pirata, postas lado a lado em trio (autor desconhecido), para reforçar criativamente a temática pirata. A ilustração do navio (autor desconhecido) serviu, além dos seus propósitos estéticos, para comportar a nota de rodapé do termo *acushla*. Como única nota de rodapé do livro, as alunas pensaram uma maneira de inserir a nota em uma imagem, para que sua presença não causasse incômodo visual.

Para a página de inspiração do conto de abril, estruturou-se o texto-imagem a partir da imagem genérica de um pato (autor desconhecido), de forma a ilustrar o conteúdo do conto de maneira inusitada. As ilustrações de naipes foram adaptações de imagens já existentes (autor desconhecido), bem como o homem (CMHardin – deviantart) e o pato (Sorazal 1999 – deviantart) ao final do conto. Quis-se ilustrar a humilhação do homem, o qual é representado em tamanho menor ao do pato e com a feição cabisbaixa.

A página de inspiração do conto de maio foi desenhada a partir de modelos de cartão postal genéricos encontrados na internet. Tal ilustração intentou representar o postal mencionado pela personagem do conto, entre outros presentes enviados. Os bilhetes do conto, ao invés de se apresentarem como texto corrido, foram dispostos de maneira diferente, para diferenciá-los como bilhetes de fato. Para o desenho, baseou-se em imagem já existente (easyvectors – freepik.com). O aviso ao final também foi exposto ilustrativamente, de maneira a associar mais claramente a mensagem com um aviso comum em aviões (autor desconhecido – vectoriel.com). Inicialmente, se compôs a imagem com um triângulo e um ponto de exclamação em seu interior, conforme padrão em mensagens de alerta. A referência ao avião, contudo, não ficou clara.

O mês de junho não possuiu ilustrações ao longo do conto, pois sua extensão era demasiado curta e houve utilização de grafismos coloridos. Para a página de inspiração do conto, entretanto, baseou-se na imagem original, em que a mesma era dividida em duas partes, uma representando o calor e outra o frio. Foi escolhida uma imagem que referenciasse raios de sol para o calor (domínio público) e outra ventos gelados para o frio (cteconsulting – CanStockPhoto).

O mês de julho se baseou na adaptação em transparência de uma imagem elaborada por fã para o livro *A Calendar of Tales* (stellmax – deviantart). Apesar da imagem não ter sido escolhida para ilustrar a versão final do livro, foi considerada a ilustração adequada para a

página de inspiração do conto. Para o conto em si, se adaptou outra imagem enviada por fã, a qual explorava a ideia do urso feito de páginas de livros (Queen Gwenevere – deviantart).

Em agosto, a página de inspiração adaptou uma imagem de fogo em transparência para ilustrar o conteúdo do conto, relacionado com um incêndio (Misha – Bigstock). As penas laranjas (autor desconhecido) foram escolhidas para referenciar o pássaro fênix, aludido em determinada passagem do texto.

O mês de setembro utilizou apenas uma ilustração, disposta em círculo no meio da página, de modo a reforçar o conceito do anel, elemento principal do conto. O primeiro leão desenhado possuía traços demasiado infantis e que não se relacionavam com o projeto gráfico do livro; o segundo leão (Chochweets – deviantart) foi o escolhido, apesar de não ter sido satisfatório; o terceiro leão apresentou os mesmos problemas da primeira versão, logo as alunas permaneceram com a segunda.

O conto de outubro explorou a imagem do gênio da lâmpada, tanto na página de inspiração quanto no texto. Na primeira, se mesclou a ilustração de uma lâmpada (autor desconhecido) com o grafismo do texto no formato de fumaça. A ilustração do conto foi a adaptação de uma imagem enviada por fã para o projeto da Blackberry (Genea – deviantart), escolhida por representar a curiosa relação entre o gênio e a mulher.

Em novembro, se utilizou a imagem de uma fumaça (autor desconhecido – wikihow.com) para representar a queima dos papéis. A escolha pelo uso da imagem na inspiração foi devido à impossibilidade de repetir o mesmo conceito de texto-imagem explorado no conto de outubro. Para o conto, se adaptou a imagem da mulher com o chapéu vermelho de uma ilustração enviada por fã para o projeto original (Timos Panico – deviantart).

Para a inspiração de dezembro, explorou-se diferentes imagens de flocos de neve (autores desconhecidos), dispendo-as diagonalmente pela página, de modo a remeter ao frio intenso aludido no conto. Os flocos também foram utilizados em associação com a ilustração do conto, sendo dispostos em trio, aumentando o tamanho gradativamente, de modo a referenciar um possível balão de pensamento, desejo ou vontade. Os três flocos, inclusive, foram dispostos na página entre a frase da personagem – para que sua “eu” mais velha a levasse para casa – e a ilustração. A ilustração das duas mulheres se abraçando foi adaptada de uma imagem enviada por fã para o projeto original (Zzoha – deviantart). Apesar de não ilustrar uma cena que aconteceu, a imagem foi escolhida por funcionar como uma possibilidade interpretativa.

Fólio

A paginação foi inspirada tanto em agendas (as quais possuem calendários dispostos no rodapé de cada página) quanto nas paginações utilizadas pelo Google em seu site de buscas. Conforme o usuário passa as páginas ou seleciona determinada página, as numerações se ajustam de modo a que a página selecionada fique no centro das numerações, ressaltada com uma determinada cor.

Elaborou-se a paginação de forma a indicar o mês (conforme as agendas) e deixar a página vigente centralizada, com um retângulo cinza ao fundo. As primeiras e as últimas páginas, entretanto, funcionam de forma diferente, por não conseguirem ficar centralizadas, como a página 3, ou por não serem marcadas, como a 1, 2, 66, 67 e 68. O fólio ficou organizado de maneira a sempre possuir sete numerações, referentes aos sete dias da semana. As páginas coloridas, as aberturas, as inspirações e as páginas em que as imagens invadiam a área delimitada para as paginações não tiveram fólio aplicado.

Orçamento

Foram pesquisadas gráficas diferentes para o serviço, em que as informações dadas para a impressão do livro foram as seguintes:

- Formato 21x16 cm, mais 9 cm de altura para as orelhas na capa e na quarta capa
- Acabamento em corte, furo e aplicação de Wire-o na parte superior do livro, conforme um calendário de mesa
- 68 páginas totais, impressas frente e verso, em cores CMYK
- Papel couché fosco 150 g/m² para o miolo e papel cartão 300 g/m² para a capa e quarta capa

Os lugares visitados foram Copyhouse, Sir Speedy e AlphaGraphics. Tanto a Copyhouse quanto a Sir Speedy fariam o serviço em 48 horas ou, no máximo, 4 dias. A primeira não possuía papel couché 150 g/m², dispondo apenas de 120 g ou 180 g. O orçamento foi feito, então, com a maior gramatura, por ser mais custosa. Para a impressão inicial de 20 livros, o birô cobrou R\$1250,00, já incluídos os descontos por pagamento à vista. A Sir Speedy, por outro lado, trabalha com papel couché 150 g e cobrou R\$1600,00 pela impressão de 20 livros, já incluídos os descontos. Nenhum dos lugares trabalha com elaboração de caixas, logo as alunas dispensaram tal orçamento. Devido aos elevados – e inesperados – custos para a impressão dos livros, foi decidida a impressão de apenas 15 livros, de modo a tentarem reduzir os custos.

Foi pensada a possibilidade de se aplicar verniz localizado nas letras da capa que formariam a frase “ANO” através das aberturas feitas na caixa, mas nenhum dos bureaus trabalha com tal acabamento, principalmente para tiragens tão baixas. Tal impossibilidade não foi considerada uma desvantagem, já que as alunas optaram pelo material fosco.

A AlphaGraphics (local escolhido) sugeriu que o material da capa fosse modificado para o Duplex 250 g/m², pois o papel 300 g rachava ao se dobrar a orelha. O material do miolo também foi modificado para couché 115 g/m², de modo a reduzir os custos de impressão. O orçamento enviado por e-mail está disposto na seção “Anexo” deste documento.

3.2.2 E-book

Outro arquivo foi criado, paralelamente ao anterior, com estilos mais específicos para este tipo de documento. O epub não exige preocupações com tipologia, formato, acabamento, paginação, entre outros, por seu suporte possibilitar alterações pelo usuário; dessa forma, o layout é básico para sua flexibilidade.

Antes de darem início ao desenvolvimento do livro eletrônico, as alunas decidiram a tipologia segundo as fontes tipográficas disponíveis no *e-reader* Kobo. Não foi considerado o uso da mesma fonte tipográfica do livro impresso pela limitação dos leitores de livros eletrônicos convencionais, como Kobo e Kindle. Dessa forma, evitando-se a escolha de uma fonte que corresse o risco de não poder ser visualizada no *e-reader*, as possibilidades foram limitadas às seguintes fontes tipográficas, todas disponíveis na plataforma digital:

- Amasis
- Avenir Next
- Caecillia
- Georgia
- Gill Sans
- Kobo Nickel
- Malabar
- Gothic
- Ryumin
- Dyslexie
- Open Dyslexie

A partir dessas alternativas, optou-se pela fonte Georgia, pela proximidade estética desejada com a proposta do livro físico e pela facilidade de reconhecimento pelos *e-readers* convencionais.

Para a diagramação do livro eletrônico, fez-se necessária a reunião dos contos copidescados em um arquivo final, disposto no programa de editoração Indesign, da Adobe. Após a disposição do texto, guias de estilo foram criados e aplicados para que, ao serem exportados em formato epub, os mesmos fossem entendidos como estilos CSS e HTML.

Os estilos aplicados procuraram seguir os mesmos do livro impresso, com algumas diferenciações:

- Parágrafo explicativo – Disposto como elemento pré-textual, tão texto seguiu os estilo aplicado ao texto do miolo, com fonte Georgia.
- Inspirações – Foram modificadas pelas limitações do suporte *e-reader*. Seus estilos foram baseados no do texto do miolo, com título em negrito. A presença do título “Conto de (mês)” para o e-book foi decidida pela ausência de muitos elementos elucidativos do conceito geral da organização dos contos.
- Ilustrações – As ilustrações foram excluídas do e-book para que o mesmo não ficasse muito pesado e pelas limitações de exibição do suporte *e-reader*. Foram mantidas, contudo, as ilustrações dos “PAFs” em janeiro e das macacas como caveiras em março por serem ilustrações de composição textual que não sofreram grandes mudanças de visualização.
- Texto – Seguiu os mesmos estilos do livro impresso, com fonte Georgia, no entanto.
- Nota de rodapé – Aplicação padrão ao final do conto, sem fio.
- Página de créditos – Mantida para referenciar informações pertinentes e importantes na feitura do livro, excluindo as referências que dizem respeito a elementos presentes somente no livro impresso.

Após a conclusão da diagramação, foi gerado o sumário automático, baseado no estilo das inspirações. Apesar do livro impresso não apresentar um sumário, a presença deste é obrigatória nos livros eletrônicos.

A primeira exportação para epub causou desapontamento, na medida em que as quebras de página inseridas no programa Indesign não foram reproduzidas no novo arquivo. Dessa forma, os contos seguiam logo após suas inspirações, sem a quebra necessária.

Os problemas encontrados foram resolvidos no editor de epub's Sigil, como quebras de página e ajustes de espaçamento.

3.2.3 Capa, Quarta Capa e Caixa

A elaboração das artes de capa, quarta capa e caixa do livro físico foi feita separadamente, em quatro arquivos distintos. Optou-se por definir as artes após o fechamento do projeto gráfico para o miolo do livro, por entenderem a necessidade de diálogo entre as partes.

Com a definição do formato do livro físico como um calendário de mesa, entendeu-se que não havia a necessidade de segunda e terceira capa, e nem a possibilidade de uma lombada. Deu-se início, então, à concepção criativa da capa e da quarta capa, suas orelhas e a caixa.

Capa e Quarta Capa

Em um primeiro momento, imaginou-se uma capa com aparência de folha mensal de calendário (quadrículada), com o nome do livro utilizando a mesma fonte que as aberturas de capítulo e o nome do autor como sua própria assinatura, circulada em vermelho, simulando uma informação colocada à mão no calendário.

No entanto, apensar da ideia inicial seguir o padrão “calendário” presente em todo o projeto, não transparecia o estilo de Neil Gaiman. Foi feita, então, nova pesquisa, procurando por calendários antigos como forma de referência ao estilo clássico e ao mesmo tempo arrojado do autor.

Com o estilo decidido, passou-se à pesquisa de elementos de composição. Para manter o padrão “calendário antigo”, decidiu-se pelo uso de *lettering* ao invés de fontes digitais; a arte da capa foi, quase toda, feita à mão e, posteriormente, vetorizada, assim como as ilustrações de miolo.

O resultado final tem as seguintes especificações técnicas:

- Formato 21x25 cm (9 cm extra para orelhas)
- Cor branca
- Elementos em preto, cinza e vermelho
- Papel Duplex 250g/m²

As orelhas tiveram um papel de suporte no projeto. São elas que sustentam o livro na vertical, havendo o desejo de deixá-lo como um calendário de mesa. Por esse motivo, a orelha presente na capa não contém informação alguma. Já a orelha da quarta capa contém informação, pois entendeu-se a importância de algum tipo de apresentação sobre autor, mesmo que este seja renomado.

Caixa

Com a escolha de encadernação Wire-O, deparou-se com o desafio de não fazer o livro “desaparecer” quando colocado em prateleiras, por conta da ausência de lombada. A solução foi criar uma caixa para o livro, visto que nela existe a possibilidade de se haver uma lombada com o título da obra e o nome do autor.

Outro motivo que levou à escolha de uma caixa foi o fato de o livro ter sido feito com uma capa não rígida e, portanto, menos resistente. A caixa funciona, então, como proteção.

O terceiro motivo, este estético, foi pensar que a caixa em si poderia ser mais um elemento de design que agrega valor à obra.

A decisão de fazer uma caixa trouxe problemas que fugiam ao controle. As gráficas indicadas, e para as quais as alunas pediram orçamentos, não trabalham com manufatura de caixas ou, se trabalham, o fazem somente para grandes tiragens. A solução, foi optar pela manufatura própria, contando com a gráfica escolhida para imprimir somente os papéis de cobertura e de interior das caixas.

As artes também contaram com desenhos feitos à mão e, depois, vetorizados.

Findo o processo, as caixas contam com as seguintes especificações:

- Formato 22,5x17,5 cm
- Estrutura da caixa: Papel Couro
- Corte manual
- Cobertura da caixa: papel Bobina Plotter 150g/m²
- Interior da caixa: papel Couché Fosco 170g/m²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contextualização teórica

A questão teórica fundamental analisada neste trabalho de conclusão de curso foi a tendência interativa do mercado editorial, no que tange à interação entre leitor e autor, além da variedade de suportes possíveis (livro físico, smartphone, *e-reader*, computador pessoal, *notebook*, tablet) que permitem diferentes interações com a obra, em diversas circunstâncias do dia a dia.

Diz-se tendência interativa, pois o conceito de interatividade, que hoje se utiliza vulgarmente, adveio de noções desenvolvidas pela informática e que se fundamentou na interação homem/máquina. Hoje, o que se vê, é o uso comum do termo para quaisquer possibilidades de interferência do usuário por meio de uma ação. A tendência interativa do mercado editorial, então, partiria de uma apropriação do termo interatividade, explorando uma de suas faces, a *inter-ação* entre dois objetos ou pessoas na web.

O projeto *A Calendar of Tales*, desenvolvido pela empresa de telefonia Blackberry, possuiu o diferencial de permitir a participação ativa do público na formulação de ideias para a obra final. Os fãs seriam, portanto, coautores no processo criativo. O público enviou inspirações que motivaram o autor a escrever e, posteriormente, pôde ilustrar os contos. O projeto não foi pioneiro nessa colaboração dos leitores, entretanto. Em 2007, a Penguin Books e a Universidade De Montfort desenvolveram o projeto *A Million Penguins*; um romance aberto que funcionaria colaborativamente em sua construção e do qual qualquer pessoa poderia participar.

Além da interação homem/homem (autor/leitor) mediada pela *web* e, mais especificamente, pelas redes sociais, a interatividade entre leitor e obra em diferentes suportes também é foco de análise a partir deste conceito tão abrangente em diversos seguimentos acadêmicos. Cada meio influencia na recepção e percepção da obra, assim como cada suporte de leitura; as experiências de leitura em um smartphone são diferentes daquelas em um livro físico ou um tablet. Cada suporte serve a seu propósito, seja pela praticidade, pela necessidade, pela comodidade ou simplesmente pelo prazer, e é necessário que o mercado editorial esteja atento a todas estas possibilidades, permitindo ao leitor as mais variadas experiências de leitura, em diversos meios.

No ramo comunicacional, o termo interatividade ainda é pouco explorado academicamente, dificultando grandes análises e comparações; entretanto, este trabalho apropriou-se do sentido de *inter-ação*, na medida em que, como anteriormente mencionado,

interatividade também envolve a ação mútua de duas ou mais partes. Nesse sentido, o próprio ato de ler implica uma *inter-ação*; a obra agindo sobre o leitor com todas as suas cargas emocionais e psíquicas, e o leitor agindo sobre a obra, interpretando-a, imaginando-a e, em alguns casos, modificando seu sentido em prol de um sentido particular. O suporte e sua variação, então, fariam parte essencialmente dessa ação sobre o leitor, modificando seu modo de ler a obra.

As imagens, ilustrações e os grafismos de uma obra influenciam diretamente na recepção do conteúdo, guiando o olhar do leitor e complementando o texto escrito. A breve análise explorou a imagem como linguagem, como diálogo com a obra escrita, como outra possibilidade de leitura, de modo a tornar o livro mais completo. Não há como negar o impacto da linguagem visual na leitura de obras ficcionais, especialmente em se tratando de contos voltados primordialmente para um público jovem/adulto.

Metodologia

A tradução de uma obra é extremamente delicada e complexa. Traduzir é buscar adequar a linguagem de destino à linguagem materna, representando o mais fielmente possível as nuances estilísticas e narrativas do autor. A grande problemática deste processo gira em torno do quanto se perde da obra original ao transpor seu conteúdo para outra língua.

Destacou-se as dificuldades peculiares ao processo de tradução de cada conto, privilegiando questões como compreensão, adequação de termos e ideias, e o entendimento para que a obra preservasse a harmonia e coerência linguística.

É importante que o copidesque compreenda, assim como o tradutor, o estilo narrativo do autor, além de estar sempre atento a quaisquer desvios no texto. Neste trabalho, foi abordada a problemática do processo de copidesque nos textos traduzidos. Foram encerradas interpretações variadas do texto original, e das modificações gramaticais e estilísticas necessárias, exigindo respeito, atenção, humildade e entendimento para que o processo ocorresse tranquilamente.

Complexo por ser o último processo antes do fechamento do arquivo, a revisão exigiu extrema atenção com quaisquer erros remanescentes, além de atentar para desvios na diagramação do arquivo, como presença de órfãs e viúvas, hifenização, paginação, estilo do texto etc. Pode-se dizer que essa etapa é mais técnica e geral, o que não dispensa sua extrema importância para um trabalho de qualidade.

Desenvolver o projeto gráfico do livro *Um Calendário de Contos* foi um desafio, na medida em que foi preciso lidar com prazos, e limitações técnicas e orçamentárias.

Quanto mais alterações eram realizadas, mais erros eram encontrados e mais alternativas eram pensadas. Foi importante, então, permitir que o processo tivesse um fim; de outro modo, as alterações seriam constantes e infinitas.

As escolhas de cor, ilustrações, disposições de texto, arrumações estruturais dos elementos na página e outros detalhes estéticos foram exaustivamente dissecados para que se chegasse a uma forma final. Alguns elementos sofreram mudanças consideráveis, enquanto outros foram quase definitivos desde o seu esboço.

A maior realização do projeto, contudo, foi colocar em prática todas as ideias e todos os conceitos pensados e idealizados durante a preparação do livro. Concluiu-se que, apesar das limitações e da pouca experiência em um projeto de tal porte criativo, conseguiu-se alcançar o objetivo de elaborar um livro que tratasse a apresentação gráfica de maneira complementar ao conteúdo do livro.

REFERÊNCIAS

_____. **A interatividade entre leitores e autores de ebook.**_____, 2012. Disponível em: <http://www.dualpixel.com.br/labs/a-interatividade-entre-leitores-e-autores-de-ebook>. Acesso em: 08/03/2014.

_____. Copidesque/preparação de textos. _____. Disponível em: <http://www.usinadetextos.com.br/copidesque/blog>. Acesso em: 30/05/2014.

_____. Crowdsourcing e escrita colaborativa criativa. _____. Disponível em: <http://www.autor20.com/tag/plataforma/>. Acesso em: 08/03/2014.

_____. Ficções interativas. _____. Disponível em: http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_7_02.pdf. Acesso em: 01/04/2014.

_____. Funções do copidesque e do revisor. _____. Disponível em: <http://www.arevisaodetextos.com.br/paraquerevisar.asp>. Acesso em: 30/05/2014.

_____. Livros impressos do projeto *A Calendar of Tales*. _____. Disponível em: <http://bibliofiend.com/2013/06/17/neil-gaiman-a-calendar-of-tales-exclusive-launch-report/>. Acesso em: 08/03/2014.

_____. Livros impressos do projeto *A Calendar of Tales*. _____. Disponível em: <http://www.theguardian.com/blackberry-keep-moving/competition/win-a-limited-edition-neil-gaiman-book>. Acesso em: 08/03/2014.

_____. Site *A Calendar of Tales* . _____. Disponível em: <http://acalendaroftales.com/>. Acesso em: 30/05/2014.

_____. A million Penguins . Collaborative Novel. _____. Disponível em: <http://www.ioct.dmu.ac.uk/documents/amillionpenguinsreport.pdf>. Acesso em: 08/03/2014.

_____. Keep Moving . _____. Disponível em: <http://bookriot.com/2013/03/08/writers-social-media-and-fandom-neil-gaimans-caldendar-of-tales/>. Acesso em: 08/03/2014.

_____.Significado de interação. _____.Disponível em:

<http://www.dicio.com.br/interação/>. Acesso em: 14/04/2014.

ANDERI, Eliane; TOSCHI, Mirza. **Leitura: da tabuleta de argila à tela dos computadores.**

Universidade Estadual de Goiás. Texto Digital, v.8, n.2, pág. 53-67, Florianópolis, 2012.

ANTUNES, Celso. **Abrindo as portas do futuro.** Disponível em:

[http://books.google.com.br/books?id=KWj2zhg1gosC&pg=PA103&dq=Imagem+texto&hl=pt-BR&sa=X&ei=QPZ0U9SyKYijqAb-](http://books.google.com.br/books?id=KWj2zhg1gosC&pg=PA103&dq=Imagem+texto&hl=pt-BR&sa=X&ei=QPZ0U9SyKYijqAb-oC4BQ&ved=0CFUQ6AEwBjg8#v=onepage&q=Imagem%20texto&f=false)

[oC4BQ&ved=0CFUQ6AEwBjg8#v=onepage&q=Imagem%20texto&f=false](http://books.google.com.br/books?id=KWj2zhg1gosC&pg=PA103&dq=Imagem+texto&hl=pt-BR&sa=X&ei=QPZ0U9SyKYijqAb-oC4BQ&ved=0CFUQ6AEwBjg8#v=onepage&q=Imagem%20texto&f=false) Acesso em:

15/05/2014.

AZEVEDO, Ricardo. **Diferentes graus de relação entre texto e imagem de livros.** Joaçaba

- SC, Balainho – Boletim Infantil e Juvenil, 2004.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro.** São Paulo, Fundação Peirópolis, 2003.

BERNHOEFT, Renato. **E-book torna leitura um processo interativo com o autor.**

_____, 2013. Disponível em:<http://www.administradores.com.br/artigos/tecnologia/e-book-torna-leitura-um-processo-interativo-com-o-autor/70744/>. Acesso em: 08/03/2014.

BOZZETO, Vagner. **A novíssima interatividade.** Altos Papos, _____, 2014. Disponível em:

<http://www.altospapos.com.br/2014/02/a-novissima-interatividade.html>. Acesso em: 08/03/2014.

CARVALHO, Jeanne D’Arc. **Entre a imagem e a escrita.** Disponível em:

[http://books.google.com.br/books?id=txZxVrqvpF0C&pg=PA67&dq=Imagem+texto&hl=pt-BR&sa=X&ei=ovV0U7n2K4WXqAa-](http://books.google.com.br/books?id=txZxVrqvpF0C&pg=PA67&dq=Imagem+texto&hl=pt-BR&sa=X&ei=ovV0U7n2K4WXqAa-64HoAg&ved=0CGAQ6AEwCA#v=onepage&q=Imagem%20texto&f=false)

[64HoAg&ved=0CGAQ6AEwCA#v=onepage&q=Imagem%20texto&f=false](http://books.google.com.br/books?id=txZxVrqvpF0C&pg=PA67&dq=Imagem+texto&hl=pt-BR&sa=X&ei=ovV0U7n2K4WXqAa-64HoAg&ved=0CGAQ6AEwCA#v=onepage&q=Imagem%20texto&f=false) Acesso em:

15/05/2014.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo, Unesp, 1999.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2009.

FEITOSA, Deisy Fernanda; ALVES, Kellyane Carvalho e NETO, Pedro Nunes. **Conceitos de interatividade e suas funcionalidades na TV digital**. Universidade da Paraíba, _____. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/feitosa-alves-neto-conceitos-de-interatividade.pdf>. Acesso em: 14/04/2014.

FERREIRA, Rui Diogo Marques. **A tradução literária numa perspectiva metodológica: problemas de tradução em *Le Livre des fuites*, de J. M. G. Le Clézio**. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15290/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado_prjecto_Rui%20Ferreira.pdf. Acesso em: 22/02/2014.

GONÇALVES, Lourdes Bernardes. **Avaliando a Tradução Literária**. Rev. de Letras, Nº 21, Vol. ½, _____, 1999. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl21Art06.pdf>. Acesso em: 22/02/2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação**. Tradução Susana Alexandria. 2ª edição. São Paulo, Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. *Fans, bloggers, and gamers*. Nova York, NYU Press, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Editora Ática, 1996.

LEOPOLDO, Cindy. **O nobre e o inglório copidesque**. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/telas/colunas/detalhes.aspx?id=59923>. Acesso em: 29/05/2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era informática**. Lisboa, Instituto Piaget, 1990.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Ed. 34, 1999.

LIMA, Thaís Leitão. **A fogueira digital: um estudo de caso do projeto colaborativo A Calendar of Tales**. Monografia (Graduação em Comunicação Social, habilitação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011

NETO, Aristides Coelho. **Além da Revisão: critérios para revisão textual**. Brasília: Editora Senac-DF, 2008.

NOGUEIRA, Danilo. **Microartigo: o que é tradução literária?** _____. 2010. Disponível em: <http://www.tradutorprofissional.com/microartigo-o-que-e-traducao-literaria/>. Acesso em: 22/02/2014.

OLMI, Alba. **A tradução literária: um campo interdisciplinar**. _____. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno03-03.html>. Acesso em: 22/02/2014.

PIMENTEL, Carmen. **Texto literário e não literário**. _____. Disponível em: <http://educacao.globo.com/portugues/assunto/estudo-do-texto/texto-literario-e-nao-literario.html>. Acesso em: 22/02/2014.



SANTOS, Beatriz D'Oliveira. **Cinquenta tons na sala precisa – o papel e as motivações do fã na sociedade em rede**. Orientador: Prof. Dra. Cristiane Costa. Rio de Janeiro, 2014. Monografia (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Xf.

SILVA, Débora; COSTA, Keila. **Percursos da leitura entre a página e a tela: uma multiplicidade de sentidos**. Universidade Estadual de Goiás. Texto Digital, v.8, n.1, pág. 55-74, Florianópolis, 2012.

SILVA, Marco. **O que é interatividade**. Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <http://www.senac.br/informativo/bts/242/boltec242d.htm>. Acesso em: 05/03/2014.

ANEXO

Orçamento escolhido – Alphagraphics

 increase your reach	Rua da Passagem, 75 - Lajes A, B e C Botafogo - Rio de Janeiro - RJ Tel. 3094-1712 www.aguanabara.com.br	
--	---	---

PROPOSTA

À Lara Campelo Barreto Lara Campelo Fone: (21)98228-9455 E-mail: l.campelobarreto@gmail.com	Nº Proposta: 34934 Data: 13/11/2014 Representante: Gloria M^a Szanto A. da Cruz Prazo de entrega: A combinar Condição de pagamento: A Vista - Cartão de Crédito
---	--

Cód.	Discriminação dos Serviços	Qtde(s)	Preço unitário	Preço Total
47371	Livro c/ Wire-o com 72 páginas de Miolo nas medidas 21 x 16 cm fechado; Furação de Wire-o, Colocação de Wire-o, Guilhotina (Corte Inicial), Guilhotina (Refile Final); Fechamento de Arquivo (Digital); Folha em Couchê Fosco 300g/m ² com 4 x 0 cores; Miolo 2 em Couchê Fosco 115g/m ² com 4 x 4 cores; Folha em Couchê Fosco 300g/m ² com 4 x 0 cores; Miolo 1 em Couchê Fosco 115g/m ² com 1 x 1 cores;	15 ()	70,0000	1.050,00

Obrigado por consultar nossos serviços.

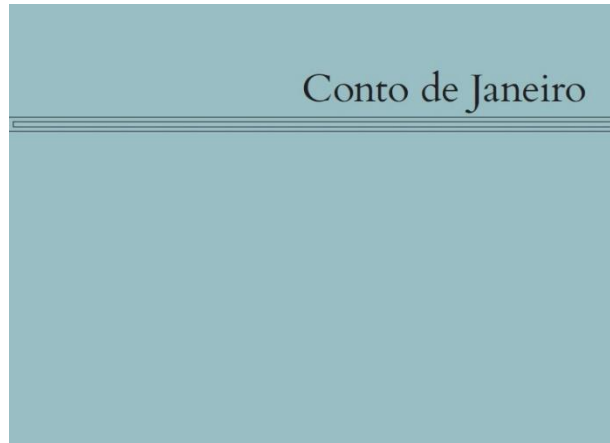
Esta estimativa é baseada no nosso melhor entendimento sobre as especificações descritas para este projeto, bem como na natureza e condições necessárias para sua produção. Qualquer alteração ou inconsistência pode significar uma revisão de preço ou data de entrega esperados. Estamos a sua inteira disposição para esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,

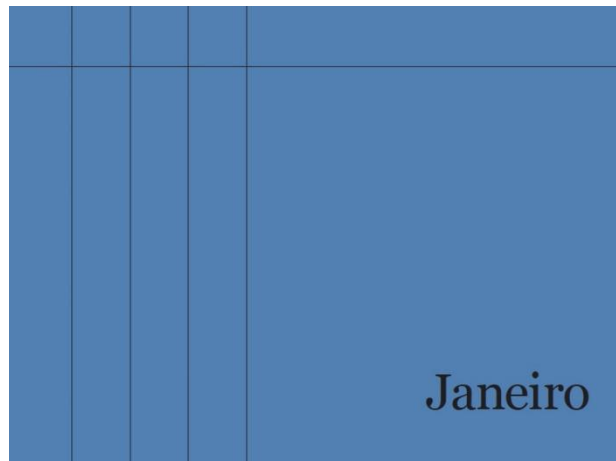
Alphagraphics Guanabara

APÊNDICE

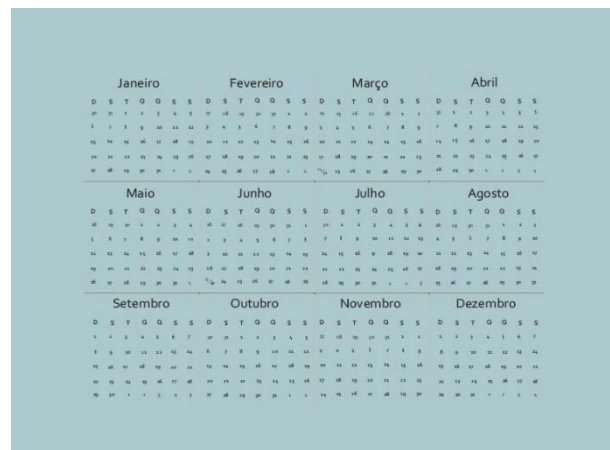
Nesta seção estão exemplificadas algumas das mudanças ocorridas no miolo ao longo do processo de diagramação.



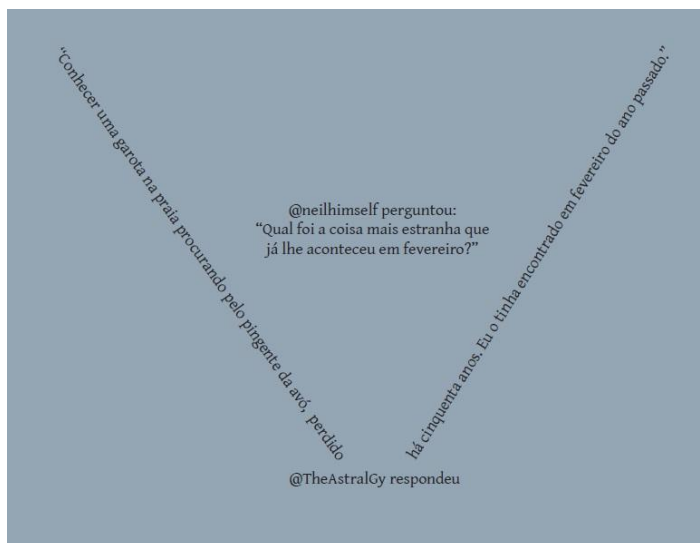
Abertura de capítulo (mês) – versão 1



Abertura de capítulo (mês) – versão 5



Abertura de capítulo (mês) – versão 21



Abertura de capítulo (conto) – versão 1



Abertura de capítulo (conto) – versão 5



Abertura de capítulo (conto) – versão 21

Em maio, recebi um cartão de Dia das Mães anônimo. Isso me encucou. Eu saberia se tivesse um filho, certo?

Em junho, encontrei um bilhete preso no espelho do banheiro que dizia

“A Normalização do Serviço Ocorrerá o Mais Rápido Possível”

juntamente com várias moedas de cobre manchadas, de nome e origem desconhecidos.

Em julho, recebi três cartões postais, com intervalos semanais, todos marcados com selos da Cidade das Esmeraldas, em Oz, me dizendo que a pessoa que me enviou estava tendo uma experiência maravilhosa e pedindo para lembrar Doreen sobre a mudança das fechaduras da porta de trás, e para me certificar de que ela parou de tomar leite. Eu não conheço ninguém chamado Doreen.

Em agosto, alguém deixou uma caixa de chocolates na minha porta. Tinha um adesivo dizendo que era prova de um importante caso e, sob nenhuma circunstância, os chocolates deveriam ser comidos antes das impressões digitais serem recolhidas. Os chocolates derreteram no calor de agosto, até se tornarem uma sebosa massa marrom, e eu joguei a caixa inteira fora.

Em setembro, ganhei um pacote contendo quadrinhos *Action Comics* #1, um manuscrito das peças de Shakespeare e uma publicação íntima de um romance de Jane Austen que eu desconhecia, e eu deixei os livros no quarto dos fundos. Eles sumiram uma semana depois, quando eu precisei de alguma coisa para ler no banheiro e fui procurá-los.

Texto imagem – versão 1

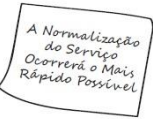
Em maio, recebi um cartão de Dia das Mães anônimo. Isso me encucou. Eu saberia se tivesse um filho, certo?

Em junho, encontrei um bilhete preso no espelho do banheiro que dizia

juntamente com várias moedas de cobre manchadas, de nome e origem desconhecidos.

Em julho, recebi três cartões postais, com intervalos semanais, todos marcados com selos da Cidade das Esmeraldas, em Oz, me dizendo que a pessoa que me enviou estava tendo uma experiência maravilhosa e pedindo para lembrar Doreen sobre a mudança das fechaduras da porta de trás, e para me certificar de que ela parou de tomar leite. Eu não conheço ninguém chamado Doreen.

Em agosto, alguém deixou uma caixa de chocolates na minha porta. Tinha um adesivo dizendo que era prova de um importante caso e, sob nenhuma circunstância, os chocolates deveriam ser comidos antes das impressões digitais serem recolhidas. Os chocolates derreteram no calor de agosto, até se tornarem uma sebosa massa marrom, e eu joguei a caixa inteira fora.



Texto imagem – versão 5

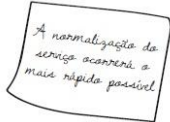
Em maio, recebi um cartão de Dia das Mães anônimo. Isso me encucou. Eu saberia se tivesse um filho, certo?

Em junho, encontrei um bilhete preso no espelho do banheiro que dizia

juntamente com várias moedas de cobre manchadas, de nome e origem desconhecidos.

Em julho, recebi três cartões postais, com intervalos semanais, todos marcados com selos da Cidade das Esmeraldas, em Oz, dizendo que a pessoa que me enviou estava tendo uma experiência maravilhosa e pedindo para lembrar Doreen sobre a mudança das fechaduras da porta dos fundos, e para me certificar de que ela parou de tomar leite. Eu não conheço ninguém chamado Doreen.

Em agosto, alguém deixou uma caixa de chocolates na minha porta. Tinha um adesivo dizendo que era prova de um importante caso e, sob nenhuma circunstância, os chocolates deveriam ser comidos antes das impressões digitais serem recolhidas. Os chocolates derreteram no calor de agosto até se tornarem uma sebosa massa marrom e eu joguei a caixa inteira fora.



Texto imagem – versão 21

O braseiro era pequeno e quadrado, feito de um metal antigo e enegrecido por fogo que poderia ter sido cobre ou latão. Atraiu a atenção de Eloise no bazar de garagem porque era entrelaçado por animais que poderiam ser dragões ou serpentes do mar. Em um deles faltava a cabeça.

Custou apenas um dólar, e Eloise o comprou junto com um chapéu vermelho com uma pena do lado. Ela se arrependeu de ter comprado o chapéu antes mesmo de chegar em casa, e pensou que talvez o desse de presente a alguém. Mas a carta do hospital estava esperando por ela quando chegou. Ela colocou o braseiro no quintal e o chapéu no armário do hall, e não pensou mais em nenhum dos dois.

Os meses se passaram, assim como o desejo de deixar a casa. Cada dia a fazia mais fraca, e cada dia a consumia mais. Ela mudou sua cama para o quarto do primeiro andar porque caminhar doía, porque ela estava muito exausta para subir as escadas, porque era mais simples.

Novembro veio, e com ele o entendimento de que ela nunca veria o Natal.

Existem coisas que você não pode jogar fora, coisas que você não pode deixar para os seus entes queridos acharem quando você se for. Coisas que você precisa queimar.

Ela levou uma pasta preta de papelão, cheia de papéis, cartas e velhas fotografias para o quintal. Encheu o braseiro com galhos caídos e sacolas de papel, e o acendeu com um isqueiro de churrasco. Só quando já estava queimando, abriu a pasta.

Ela começou com as cartas, particularmente as que ela não gostaria que outras pessoas vissem. Quando estava na faculdade, houve um professor e um relacionamento, se você puder chamar aquilo assim, que, rapidamente, se tornou muito sombrio e muito errado. Ela tinha todas as suas cartas unidas por um clipe de papel, e as jogou, uma a uma, nas chamas. Havia uma fotografia dos dois juntos. Ela a jogou no braseiro por último e a viu se enrolar, e escurecer.

Eloise estava indo em direção à próxima coisa na pasta de papelão quando percebeu que não conseguia se lembrar do nome do professor, ou o que ele ensinava, ou por que a relação a machucou do jeito que fez, deixando-a com pensamentos suicidas pelo ano seguinte inteiro.

Início de capítulo – versão 1

O braseiro era pequeno e quadrado, feito de um metal antigo e enegrecido por fogo que poderia ter sido cobre ou latão. Atraiu a atenção de Eloise no bazar de garagem porque era entrelaçado por animais que poderiam ser dragões ou serpentes do mar. Em um deles faltava a cabeça.

Custou apenas um dólar, e Eloise o comprou junto com um chapéu vermelho com uma pena do lado. Ela se arrependeu de ter comprado o chapéu antes mesmo de chegar em casa, e pensou que talvez o desse de presente a alguém. Mas a carta do hospital estava esperando por ela quando chegou. Ela colocou o braseiro no quintal e o chapéu no armário do hall, e não pensou mais em nenhum dos dois.

Os meses se passaram, assim como o desejo de deixar a casa. Cada dia a fazia mais fraca, e cada dia a consumia mais. Ela mudou sua cama para o quarto do primeiro andar porque caminhar doía, porque ela estava muito exausta para subir as escadas, porque era mais simples.

Novembro veio, e com ele o entendimento de que ela nunca veria o Natal.

Existem coisas que você não pode jogar fora, coisas que você não pode deixar para os seus entes queridos acharem quando você se for. Coisas que você precisa queimar.

Ela levou uma pasta preta de papelão, cheia de papéis, cartas e velhas fotografias para o quintal. Encheu o braseiro com galhos caídos e sacolas de papel, e o acendeu com um isqueiro de churrasco. Só quando já estava queimando, abriu a pasta.

Início de capítulo – versão 5

O braseiro era pequeno e quadrado, feito de um metal antigo e enegrecido por fogo que poderia ter sido cobre ou latão. Atraiu a atenção de Eloise no bazar de garagem porque era entrelaçado por animais que sugeriam dragões ou serpentes do mar. Em um deles faltava a cabeça.

Custou apenas um dólar e Eloise o comprou junto com um chapéu vermelho com uma pena do lado. Ela se arrependeu de ter comprado o chapéu antes mesmo de chegar em casa e pensou que talvez o desse de presente a alguém. Mas a carta do hospital estava esperando por ela quando chegou. Colocou o braseiro no quintal e o chapéu no armário do hall, e não pensou mais em nenhum dos dois.

Os meses se passaram, assim como o desejo de deixar a casa. Cada dia a fazia mais fraca e cada dia a consumia mais. Ela mudou sua cama para o quarto do primeiro andar porque caminhar doía, porque ela estava muito exausta para subir as escadas, porque era mais simples.

Novembro veio, e com ele o entendimento de que ela nunca veria o Natal.

Existem coisas que você não pode jogar fora, coisas que você não pode deixar para os seus entes queridos acharem quando você se for. Coisas que você precisa queimar.

Ela levou uma pasta preta de papelão, cheia de papéis, cartas e velhas fotografias, para o quintal. Encheu o braseiro com galhos caídos e sacolas de papel, e o acendeu com um isqueiro de churrasco. Só quando já estava queimando, abriu a pasta.

Começou com as cartas, particularmente as que não gostaria que outras pessoas vissem. Quando estava na faculdade, houve um professor e um relacionamento, se você puder chamar aquilo assim,

Início de capítulo – versão 21

— O que é um you tube? — perguntou Donna.

— Ah, adorável — disse a mulher. E ela colocou seus braços em volta de Donna e a puxou para perto, abraçando-a apertado.

— Me leva para casa com você? — perguntou Donna.

— Eu não posso — disse a mulher. — Casa não está lá para você ainda. Você ainda não conheceu nenhuma das pessoas que vão te ajudar a sair das ruas, ou te ajudar a conseguir um trabalho. Você ainda não conheceu a pessoa que vai se tornar seu companheiro. E vocês dois vão construir um lugar que é seguro, para os dois e para suas crianças. Um lugar quente.

Donna sentiu a raiva crescendo dentro dela. — Por que você está me dizendo isso? — ela perguntou.

— Para que você saiba que melhora. Para te dar esperança.

Donna deu um passo atrás. — Eu não quero esperança, — ela disse. — Eu quero um lugar quente. Eu quero um lar. E quero isso agora. Não em vinte anos.

Uma expressão dolorida no rosto pálido. — É mais cedo que em vin--

— Eu não me importo! Não é hoje à noite. Eu não tenho um lugar para ir. E eu estou com frio. Você tem algum trocado?

ilustração

Posicionamento de ilustração – versão 5



Posicionamento de ilustração – versão 21